



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ÉRICA MONIQUE SILVA

**O (DES)COSTURAR DA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE MULHERES DE
TORITAMA:** e no meio do caminho havia uma máquina

Caruaru

2021

ÉRICA MONIQUE SILVA

**O (DES)COSTURAR DA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE MULHERES DE
TORITAMA: e no meio do caminho havia uma máquina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Campus Agreste da Universidade
Federal de Pernambuco – UFPE, como
requisito para obtenção do grau de Licencianda
em Pedagogia.

Orientador (a): Prof.^a. Dr.^a Allene Carvalho Lage

Caruaru
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Érica Monique.

O (des)costurar da trajetória escolar de mulheres de Toritama: e no meio do caminho havia uma máquina / Érica Monique Silva - 2021.

55f.: il.;30 cm.

Orientador(a): Allene Carvalho Lage

TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia -
Licenciatura, 2021.

Inclui referências, apêndices.

1. costura. 2. confecções de jeans. 3. evasão escolar. 4. trabalho domiciliar. 5.
lugar da mulher. I. Lage, Allene Carvalho II. Título.

370 CDD (22.ed.)

Érica Monique Silva

**O (DES)COSTURAR DA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE MULHERES DE
TORITAMA: e no meio do caminho havia uma máquina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Campus Agreste da Universidade
Federal de Pernambuco – UFPE, como
requisito para obtenção do grau de Licencianda
em Pedagogia.

Aprovado em: 17/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Allene Lage (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA

Prof.^a Doutoranda Andreza Rodrigues Nogueira (Examinadora Externa)

Universidade do Minho – UMinho/Portugal

Prof. Dr. Filipe Antônio Ferreira da Silva (Examinador Externo)

SE-Belo Jardim

Dedico este trabalho a minha avó materna, Edileuza Maria de Jesus, a quem amorosamente chamava de Mãe Dileuza. Um ser especial, que me acolheu desde o nascimento, me escolheu pra filha, me cuidou e amou de forma incondicional até o fim de sua vida. Minha maior incentivadora em tudo, a mulher que me criou para ser livre e alcançar o mundo, que sem saber ler ou escrever, plantou dentro de sua neta, o gosto pelo conhecimento e pela educação. Minha mãe Dileuza, essa conquista é nossa, saio do seu colo, meu lugar favorito, para ocupar “nosso lugar no mundo”. Finalizar essa dedicação sem um trecho musical não seria eu, na ausência dela que tanto amo, a canção “Dona Cila” composta por Maria Gadú, é uma das músicas que mais me levam pra perto dela, para as minhas memórias mais bonitas e significativas da vida, então, faço da letra dessa canção minha: Se queres partir, ir embora, me olha de onde estiver, que eu vou te mostrar que eu tô pronta, me colha madura do pé.

AGRADECIMENTOS

A Universidade adentrou em minha vida como um marco essencial, que dividiu e unificou a minha forma de ser e estar no mundo, por isso, quero a esta agradecer inicialmente. Pelos ensinamentos, por desafiar-me a sair do meu conforto e perceber que o mundo não era a bolha social que eu habitava. Foi na universidade que realmente soube a importância que cada um de nós exerce sobre o coletivo, o quanto somos responsáveis por tudo e todos. Aprendi sobre diferenças, sobre respeito, sobre conhecimentos outros, sobre empoderamento e luta.

Nesses contextos vividos no campus, percorri muitos caminhos, que se iniciavam desde minha saída de Toritama até Caruaru em todos os dias de aula. No Centro Acadêmico do Agreste a gente aprende a frequentar lugares, os meus foram: o bloco de pedagogia, a Biblioteca, o RU, o Espaço Paulo Freire, e principalmente o estacionamento ao lado do famoso laguinho, que nos permitia desfrutar dos mais belos pôr do sol. Sim, o céu do CAA é incrível, a lua e as estrelas também nos garantiram lindas companhias de aula noturna.

Nessas andanças, encontrei muitas pessoas, mas quero falar daqueles que já vinham comigo, Tio Pedro (Pedro Brandão) e Vandinha (Vandilma Aparecida), vocês foram os responsáveis por me aproximarem da Pedagogia, acompanhar a trajetória de vocês, ouvir falar desse espaço e profissão, me encheu os olhos e me ajudou a decidir trilhar, também, esse caminho. (#Pedagog@x).

Aos meus companheiros(as) de buzão, quero representa-los(as) aqui pelo caríssimo Amós Santos, o qual já conhecia desde o período de escolarização e que reencontrei na universidade, promovendo-me monólogos de palavras difíceis que só um bom filósofo influenciado por Maria Betânia Santiago saberia fazer, e que ajudava a viagem de ida e vinda pra universidade ser um pouco mais tolerável e rápida.

Na sala de aula, aproximei-me de muitas pessoas, as quais quero bastante bem, a vocês Raiane, Elionara, Marília, Dayana, Leylane, Fabiola, Gaby Paes e Leticia, obrigada por compartilharem as aflições, os medos, nervosismos e o desafio de fazer trabalhos em grupo. Não menos importante, pelos momentos de procrastinação, nos congressos onde buscamos emergir o conhecimento, nos corredores do bloco, no RU, até no duro caminho até a Xerox do bloco de administração.

“A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem” quero com esta frase de Paulo Freire, falar e agradecer aos(as) professores(as) que em minha caminhada educacional

contribuíram, representando trago o nome da professora Renata, que lecionou quando estava na 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental.

Aos Mestres e Doutores(as) da graduação em Pedagogia do CAA, vocês foram sinônimo de coragem para esta graduanda, comprometidos em cuidar, preservar, mas acima de tudo, lutar por uma educação de qualidade, gratuita e de gestão pública. Quero em minha jornada como profissional da educação, poder honrar cada um e cada uma de vocês.

À professora Allene Lage, agradeço por toda a contribuição durante o percurso do curso e principalmente na reta final, aceitando e acreditando nesta pesquisa, a qual orientou e contribuiu em todo o seu desenvolvimento.

Aos meus familiares, nas pessoas de, José Joaquim Ponciano (Avô, em memória), Givanilda Edileuza de Jesus (mãe) e José Amaro da Silva (pai), quero externar meus agradecimentos pelo apoio e principalmente pela paciência de terem ao redor uma graduanda do curso de pedagogia do CAA, que passou a dividir com vocês todo aprendizado de mundo que estava tendo acesso. Vó Zefinha e Vovô Amarim, o apoio e acolhimento de vocês em sua casa foi essencial para que eu chegasse até aqui. A Rafael, meu bem amado, a compreensão e o afeto nunca lhe faltaram, te quero comigo. Ingrid, você foi por quem eu primeiro quis mudar o mundo na graduação, podendo contribuir para que você tenha o direito de ser o que quiser e como quiser, te amo, minha Nega. Luna, aquela que já encontrou uma Tia Erica no meio do processo, com um pouco de capacidade para entender e compreender melhor sua maneira de estar no mundo, por você eu também quero mudar o mundo. Gabriel, neném de titia, por você quero permanecer forte pra ser apoio. E a todas as crianças de Tia Érica, muito obrigada por sempre aceitarem se divertir e planejar travessuras, muitos desses momentos me traziam folego e inspiração pra prosseguir. Para todos os dias sombrios, a alegria compartilhada com uma criança.

E por fim, agradeço a esta Erica que lhes escreve, que carrega consigo tudo o que já foi, no anseio de descobrir tudo o que pode ser. finalizar esse ciclo, me orgulha e me motiva a continuar, mas acima de tudo a acreditar em mim, na neta de Dona Edileuza, lá do sitio Oncinha, que desatinou e desatou nós.

Para os tempos de pandemia, “vacina, respeito verdade e misericórdia” (VELOSO, 2021).

Abracei o mar na lua cheia
Abracei o mar
Abracei o mar na lua cheia
Abracei o mar
Escolhi melhor os pensamentos, pensei
Abracei o mar
É festa no céu é lua cheia, sonhei
Abracei o mar
E na hora marcada
Dona alvorada chegou para se banhar
E nada pediu, cantou pra o mar (e nada pediu)
Conversou com mar (e nada pediu)
E o dia sorriu
Uma dúzia de rosas, cheiro de alfazema
Presente eu fui levar
E nada pedi, entreguei ao mar (e nada pedi)
Me molhei no mar (e nada pedi) só agradei
(CALASANS; SANTANA, 1986).

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar os motivos que levaram as mulheres costureiras de Toritama a desistirem da escola, e qual o lugar da mulher nas relações de trabalho nas facções de jeans em Toritama. Sendo assim, este trabalho inseriu-se dentro da perspectiva da pesquisa exploratória e explicativa, tendo como técnica de coleta de dados a consulta bibliográfica com os(as) seguintes autores(as): Beauvoir (2019), Bittar e Bittar (2012), Fritsch (2016). Hirata (2007), Lindôso (2011), Louro (2014), Milanês (2020), Negreiros (2010), Nogueira (2013), Novo (2018), Santos (2008), Silva (2008), Rosemberg (1994). Este aporte teórico delimitou-se a problematizar os contextos históricos das famílias de costureiras de Toritama, a problemática da evasão escolar dessas mulheres e o lugar estabelecido para elas no ambiente das facções de confecções de jeans. Para além destes, realizou-se entrevista semiestruturada com as mulheres costureiras evadidas da escola e residentes na cidade de Toritama-PE, que possuem facções de confecção de jeans em seus domicílios. A pesquisa, revela então, que a economia da cidade de Toritama voltada para a confecção de roupas jeans, vem interferindo nos contextos sociais familiares, perpetuando cenários de vulnerabilidade social, uma vez que, este sistema produtivo sobrevive da captura de mão de obra barata e desregulamentação dos postos de emprego ofertados. O ofício da costura é majoritariamente composto por mulheres, que são responsáveis pelo trabalho produtivo além do trabalho reprodutivo, o que evidenciou uma questão de gênero existente nesses contextos, onde as mulheres costureiras estão ocupando postos precários de trabalhos, que são desvalorizados e desqualificados. Na mesma direção, o modelo produtivo da cidade influencia na evasão escolar dessas mulheres, que lamentam a frustração de não poderem ter conseguido prosseguir com os estudos, uma vez que, o trabalho como costureira exige tempo e dedicação, sendo realizado em longas horas de trabalho diário, iniciadas pela manhã e finalizadas muitas das vezes, apenas pela madrugada. Somado a este, essas mulheres ainda unificam o trabalho doméstico, que as sobrecarregam de forma extrema, retirando-lhes possibilidades e o direito de optar por um modo diferente de vida.

Palavras-chave: costura; confecções de jeans; evasão escolar; trabalho domiciliar; lugar da mulher.

ABSTRACT

This research aims to analyze the reasons that led women dressmaker in Toritama to drop out of school, and what is the place of women in labor relations in the jeans factions in Toritama. Therefore, this work was inserted within the perspective of exploratory and explanatory research, having as a data collection technique the bibliographic consultation with the following authors: Beauvoir (2019), Bittar and Bittar (2012), Fritsch (2016). Hirata (2007), Lindôso (2011), Louro (2014), Milanese (2020), Negreiros (2010), Nogueira (2013), Novo (2018), Santos (2008), Silva (2008), Rosemberg (1994). This theoretical contribution was delimited to problematize the historical contexts of the families of dressmaker, the problem of these women's school evasion and the place established for them in the environment of the jeans making factions. In addition to these, a semi-structured interview was carried out with women Dressmaker who escaped from school and reside in the city of Toritama-PE, who have jeans making factions in their homes. The research then reveals that the economy of the city of Toritama, focused on the production of denim clothes, has been interfering in family social contexts, perpetuating social vulnerability scenarios, since this production system survives on the capture of cheap and deregulation of the jobs offered. The sewing trade is mostly composed of women, who are responsible for productive work in addition to reproductive work, which highlighted a gender issue existing in these contexts, where women dressmaker are occupying precarious jobs, which are devalued and disqualified. In the same direction, the city's productive model influences the school dropout rate of these women, who are frustrated for not being able to continue with their studies, since work as a dressmaker requires time and dedication, being carried out in long hours of work. daily, started in the morning and ended many times, only at dawn. Added to this, these women still unify the domestic work, which overloads them in an extreme way, taking away from them possibilities and the right to choose a different way of life.

Keywords: Dressmaker ; Jeans factions; School evasion ; Home work; Women's Place.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O TECER BIBLIOGRAFICO: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E TRABALHO DAS MULHERES.....	13
2.1	HISTÓRIA E INFLUÊNCIA DA CONFECÇÃO DE JEANS EM TORITAMA: SOBREVIVÊNCIA.....	13
2.2	EDUCAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA EVASÃO ESCOLAR: UMA QUESTÃO DE GÊNERO.....	17
2.3	O LUGAR DAS MULHERES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO: PRECARIZAÇÃO.....	21
3	METODOLOGIA.....	26
3.1	FINALIDADE DO ESTUDO.....	26
3.2	MÉTODO DA PESQUISA.....	26
3.3	DELIMITAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA.....	27
3.4	FONTES DE INFORMAÇÃO.....	27
3.5	TÉCNICAS DE COLETA.....	28
3.6	ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS.....	28
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	29
4.1	COSTURANDO GERAÇÕES.....	29
4.2	(DES)COSTURANDO TRAJETÓRIAS: ESCOLA.....	33
4.3	COSTURAR EM LINHA RETA: MULHERES.....	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	50
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	52
	APÊNDICE B – IMAGENS DAS FACÇÕES DE CONFECÇÃO DE JEANS	54

1. INTRODUÇÃO

Costurar é a arte de unir, de montar, de vestir. Costurando se produz um par de alpargatas, se une tecidos para uma nova peça de roupa, mas principalmente, se une aprendizados, experiências, gerações. A arte da costura transborda em si, histórias de tradições familiares, carrega consigo, uma ferramenta de exploração da mão de obra feminina, mas também um contexto de superação, luta e resistência das mulheres sobre o trabalho.

O ofício da costura está entre as principais atividades de mulheres, desenvolvidas nos últimos séculos, inicialmente de caráter manual, reservado ao ambiente privado/doméstico, imposição influenciada pela sociedade patriarcal, mas que, logo após a Revolução Industrial, com a criação das primeiras máquinas de costura, adentrou os espaços públicos, o chão das fábricas.

No Brasil a mesma lógica de evolução se deu, contudo, de forma mais lenta que nos outros países de primeiro mundo. Tal lentidão não impediu que a região Nordeste, uma das mais empobrecidas do Brasil durante quase todo o século XX, especialmente no interior, com altos índices de analfabetismo, migração em massa da sua população devastada pelas longas estiagens das chuvas, aderissem ao ofício da costura para sobrevivência.

Deste contexto, toma forma no interior de Pernambuco o que hoje conhecemos como o “Polo de Confecções do Agreste”. três cidades interioranas, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama, e Caruaru, de restos de tecidos, montam um império as margens do Rio Capibaribe.

Toritama é delas a que compartilha uma história de amor e ódio com a costura, uma vez que antes de chegar ao título nacional de Capital do Jeans, era uma grande produtora de calçados de couro, produção esta que declinou com a chegada de novos produtos no segmento dos calçados, que utilizavam o plástico como matéria prima.

A Capital do Jeans, como bem se orgulha os toritamenses de se reportarem, hoje é um motor da economia nacional, sendo responsável por aproximadamente 16% da produção de jeans do Brasil. A menor cidade do estado de Pernambuco, territorialmente falando, cresceu em *status* e superação das adversidades. Mas, quanto custa aos munícipes de Toritama, principalmente as mulheres, esse título? Industrial, exportadora, muita beleza e clima feliz? ¹

Em uma cidade onde o fator econômico tem uma proporção tão grande, é praticamente impossível que as áreas sociais, educacionais e de gênero não sofram interferências em seu

¹ MELO, Adolfo Gonçalves. Hino de Toritama. Disponível em: <<https://toritama.pe.gov.br/hino-de-toritama/>>. Acesso em: 02 de novembro de 2021.

Referência ao Hino de Toritama: “Industrial, exportadora muita beleza e clima feliz, Toritama tão evoluída se acha conhecida “capital do jeans”.

desenvolvimento. Pesquisas já apontam que o modelo que configura os espaços das facções de jeans, abrange, além da predominância das mulheres, a desigualdade de gênero nas relações que perpassam o trabalho na facção e o trabalho doméstico, havendo então uma influência do setor de jeans na manutenção da divisão sexual do trabalho. Essas tendências podem, também, estarem entrelaçadas aos casos de evasão escolar das mulheres que hoje formam o quadro de costureiras na municipalidade em estudo.

Trabalho, educação e gênero, tornam-se dessa forma as categorias centrais dessa pesquisa que tem por questão problema: O que levou as mulheres costureiras de Toritama a desistirem da escola, e qual o lugar das mulheres nas relações de trabalho nas facções de jeans em Toritama?

Para atender aos nossos pressupostos de que há uma influência no trabalho das facções de jeans sobre o desempenho escolar de mulheres, que perpassa por uma questão de gênero, que sobrecarrega meninas e mulheres em uma exaustiva dupla jornada de trabalho, buscaremos a partir de nosso objetivo geral de pesquisa: Analisar os motivos que levaram as mulheres costureiras de Toritama a desistirem da escola, e qual o lugar das mulheres nas relações de trabalho nas facções de jeans em Toritama.

Na tentativa de esmiuçar nosso objetivo geral, e garantir uma maior qualidade para a nossa pesquisa, adotamos três objetivos específicos: i) apresentar fragmentos da história e a influência do segmento de confecções de roupas jeans na cidade de Toritama; ii) analisar os motivos da evasão escolar de mulheres costureiras de Toritama; iii) descrever sobre qual o lugar das mulheres nas relações do trabalho familiar nas facções de jeans em Toritama.

2. O TECER BIBLIOGRÁFICO: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E TRABALHO DAS MULHERES

A base de estudo dessa pesquisa buscou subsidiar o tema proposto, de modo que este possa ser mais a frente confrontado com a teoria. O tecer bibliográfico é então parte fundamental deste trabalho, acolhe, debruça e anuncia os rumos da pesquisa, teorizando e fundamentando o dito.

Abordarmos três categorias, que perpassarão por um estudo sobre o ser mulher. Para tais, consideramos o contexto histórico, o contexto educacional e o contexto de trabalho. O primeiro porque compreendemos que a história que transpassa os sujeitos de uma pesquisa conta e influência muito sobre a formação destes; a segunda, porque ao lado da história acontece os processos e não processos de educação, os quais evidenciam as oportunidades de acesso dos sujeitos, a perspectivas de inclusão ou exclusão; já a terceira, é o resultado dessas categorias anteriores. Dessa forma, esta pesquisa buscou nos teóricos (as) em estudo, argumentos que apresentem as mulheres em suas dimensões históricas, educacionais e de trabalho.

2.1 HISTÓRIA E INFLUÊNCIA DA CONFECÇÃO DE JEANS EM TORITAMA: SOBREVIVÊNCIA

"- E onde o levais a enterrar, irmãos das almas, com a semente do chumbo que tem guardada?
- Ao cemitério de Torres, irmão das almas, que hoje se diz Toritama, de madrugada.
- E poderei ajudar, irmãos das almas? vou passar por Toritama, é minha estrada".²

A Cidade de Toritama está situada no agreste setentrional do estado de Pernambuco, sua população está estimada em aproximadamente 47.088 pessoas³, as suas margens correm as águas do Rio Capibaribe, e em sua vegetação predomina a caatinga. Seu nome quer dizer: Região das pedras (em Tupi), devido ao solo pedregoso que cobre toda a cidade.

Na década de 1860, a cidade era apenas a conhecida Fazenda Torres, um pequeno povoado formado em torno de uma capela. Em meados de 1920, foi construída uma ponte sob o Rio Capibaribe, interligando as cidades de Caruaru e Vertentes, municípios estes a quem Toritama tinha dependência, já como Distrito Torres.

² MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes. 4ª edição. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2000.

³IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/toritama.html>. Acesso em: 02 de novembro de 2021.

Em 1953 a cidade foi emancipada de Taquaritinga do Norte, desmembramento que fez de Toritama a menor cidade de Pernambuco, territorialmente falando. Sua história política iniciasse com o primeiro prefeito, sendo ele José Jota de Araújo,

[...] que só foi escolhido três anos e meio depois da emancipação política, que aconteceu em 29 de dezembro de 1953, quando foi elevada a cidade, sendo, antes, distrito de Vertentes e Taquaritinga do Norte. O município teve, como primeiros administradores interinos, Joaquim Aurélio Correia de Araújo e Antônio Manuel da Silva. (TORITAMA, 2014).

Como atividades econômicas, teve a comercialização de produtos agropecuários na década de 1920, sendo sucedida pela produção de calçados de couros, devido as influências das longas estiagens e as más condições do solo. O comércio de “alpargatas” de couro perdurou por pouco mais de 40 anos, fazendo de Toritama um polo calçadista de destaque na região, até a sua fase de declínio nos anos de 1970, com a chegada dos calçados que tinham como material principal de produção o plástico. Com a falência do setor calçadista, sua população migrou para a produção de roupas jeans.

A confecção de roupas na região, surgiu na cidade vizinha, de Santa Cruz do Capibaribe, cidade marcada fortemente pelas feiras livres, que logo passou a compor a integração econômica do Agreste, entre as feiras locais e a capital do estado de Pernambuco. Tais comerciantes levavam até Recife, galinhas, carvão, queijo, e demais produtos locais para comercialização, e em seus retornos, traziam retalhos de tecidos, que eram transformados por costureiras da cidade em peças domésticas. Dessa forma,

[...] os retalhos de tecido eram obtidos em Recife, inicialmente nas fábricas têxteis de Camaragibe, Torre, Macaxeira, Othon e Paulista, e eram comercializados na feira livre de Santa Cruz do Capibaribe. Tais pedaços de tecido eram os restos e refugos de grandes fábricas têxteis, que eram descartados no lixo e recolhidos por esses comerciantes, que os vendiam a baixo custo aos moradores da região. Esses refugos começaram a ser transformados, por algumas mulheres do local, em colchas de retalho e, posteriormente, em peças de vestuário, como shorts infantis, saias, blusas e outras peças que eram mais facilmente moldadas e feitas com “emendados” de tecido. (CAMPELLO, 1983, *apud* MILANÊS, 2020, p. 02).

O sucesso da confecção de vestuário, foi tanto, que ocasionou a busca de cada vez mais compradores, que aumentou a demanda de produção e por conseguinte a demanda de trabalhadores/as. Diante dessa expansão produtiva, a busca por uma maior quantidade de tecidos para abastecer a cidade foi inevitável, foi então que nos anos de 1960 e 1970 para abastecer a produção, os tecidos começaram a ser trazidos do Rio de Janeiro e de São Paulo,

[...] pelos caminhoneiros da época, e consistiam em retalhos e resíduos que “sobravam” das confecções do Brás. Isso explica a nomenclatura da “Sulanca” que, em uma de suas versões mais difundidas, significa a junção dos termos “sul” (local de onde os tecidos vinham) e “helanca” (tipo de tecido utilizado para a fabricação das peças). (IBIDEM).

Concomitante, Toritama se firmava na confecção de jeans, uma vez que o tecido se assemelhava a rigidez do couro, assim, possibilitou aos produtores da cidade adaptarem as máquinas de costura industrial, as mesmas que eram utilizadas na produção dos calçados de couro, para a fabricação de peças de vestuário em jeans. O negócio no ramo do jeans, prosperou de tal forma, que em poucos anos, rendeu a cidade o título de capital do jeans. Além, da singela homenagem a matéria prima do jeans, que é chamada de “Ouro Azul de Toritama”.

O jeans, sendo um produto de qualidade, durável, e preço baixo, logo ganhou a adesão de compradores atacadistas de todo o Brasil.

Toda essa roupa em jeans produzida em Toritama é escoada pelo Brasil através dos milhares de comerciantes, atacadistas e lojistas de diversos estados do país, que vêm semanalmente à Feira do Jeans fazerem suas compras e abastecerem suas lojas com o que há de melhor e mais atual da moda denim, direto na loja de fábrica. (TORITAMA, 2016).

Além das populares feiras livres, Toritama no ano de 2001 inaugurou um dos primeiros polos da moda no Agreste de Pernambuco, conhecido inicialmente como “Parque das Feiras de Toritama, passando na atualidade a ser nomeado como Shopping Center Parque das Feiras, que atualmente conta com “quatro etapas e mais de dois mil pontos de vendas” (G1 CARUARU, 2021).

A Capital do Jeans, hoje é um motor da economia nacional, sendo responsável por aproximadamente 16% da produção de jeans do Brasil. Contudo, as denúncias sobre os impactos do capitalismo desenfreado na qualidade de vida da população vêm aumentando. Quando se analisa os avanços econômicos, como o PIB do município, que em 2018 despontava em 14.800,44 R\$⁴, evidencia-se o crescimento avassalador da cidade, principalmente por ser territorialmente tão pequena, e em pouco tempo ter conseguido esse feito de alavancar a cidade economicamente, no entanto, quando se considera a questão da qualidade de vida, a cidade regride cada dia mais. As relações pessoais e sociais são sufocadas pela produção desenfreada, onde o capitalismo de forma oculta, impõe aos/as trabalhadores/as da cidade, jornadas

⁴IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/toritama.html>. Acesso em: 02 de novembro de 2021.

excessivas de trabalho diário (de domingo a domingo), pouca ou nenhuma garantia de direitos trabalhistas, adoecimento físico e mental, furtando-lhes tempo de vida e qualquer perspectiva de costurar um futuro em condições humanas.

Nas décadas finais do século XX, a região tentava sobreviver em meio a um cenário de crises, foram elas: “[...] i) A crise da agricultura de subsistência (cultivo de algodão) concomitante à falência da indústria de couro e borracha (indústria de calçados, mais precisamente); ii) A crise da indústria têxtil localizada na capital do estado pernambucano” (LINDÔSO, 2011, p.60). Assim, o que hoje conhecemos como Polo de Confecções, tomou forma mergulhado na precarização e exploração do trabalho gerados sob ameaças de crises.

O Estado que pouco se comprometeu em garantir a região Nordeste uma perspectiva de desenvolvimento seguro de sua população, descentralizou suas responsabilidades, lançando-as nos ombros de um povo que até os dias atuais é conhecido como um povo de garra, de coragem, de força, mas na verdade, essa exaltação utilizada quando convêm, esconde a ausência do Estado que jogou esse povo a própria sorte.

No final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, o Estado brasileiro incentivado pelos organismos multilaterais, injetaram na cultura nacional, principalmente nos estados de maior precariedade e vulnerabilidade da população, a criação dos Arranjos Produtivos Locais (APL), que como instrumento do capitalismo contemporâneo, impulsiona a economia de localidades pouco desenvolvidas.

Conforme Raquel Lindôso (2011) traz Pochmann (2008), verificou-se que a criação destes polos de desenvolvimentos no estado de Pernambuco,

[...] simboliza a maneira como a região nordestina foi atingida pelas estratégias de acumulação flexível da década de 1990 – na esteira da rápida internacionalização da economia brasileira e do recuo, ou enxugamento propriamente dito, das funções estatais indutoras do desenvolvimento – conformou “um novo mosaico territorial, com um reforço de algumas ilhas de desenvolvimento rodeadas por imensas áreas de subdesenvolvimento” (POCHMANN, 2008, p. 87). (LINDÔSO, 2011, p.63).

Inicia-se, então, a falácia do empreendedorismo, do trabalho livre, da autonomia do trabalho, surgindo assim, de acordo com Érica Negreiros (2010),

A valorização de pequenas unidades produtivas informais, disfarçadas sob a ideia de empreendedorismo, seguindo a tendência de transferir para o trabalhador a responsabilidade sobre seu potencial de empregabilidade e de condições satisfatórias de trabalho e renda, ignorando o processo histórico de seletividade no mercado de trabalho, reduzindo a responsabilidade de

intervenção do Estado, enfraquecendo as conquistas dos direitos sociais. (NEGREIROS, 2010, p. 14).

Destarte, Toritama e o sistema de facções⁵ de produção de jeans, está inteiramente dentro desta lógica de acumulação flexível. Logo que, Andrezza Nogueira (2013), nos aponta que,

[...] na acumulação flexível, o controle do capital não depende da figura física do patrão, mas do conteúdo do trabalho, das relações do trabalhador no processo laboral e do mercado. Portanto, as novas formas de trabalho não garantem autonomia aos trabalhadores, tampouco diminuem o poder do capital, na medida em que este continua prescrevendo a natureza do trabalho e a quantidade a ser produzida. (NOGUEIRA, 2013, p. 122).

Toritama, viu dia após dia, seu território virar uma enorme fábrica, guiada pelo capitalismo que reedita as formas já existente de trabalho, os moldando na lógica do capital, que precariza e degrada a vida da classe trabalhadora, com o principal objetivo, que segundo a autora supracita, é a retomada dos padrões de lucro, pondo em xeque os direitos trabalhistas, expondo-os como entraves ao desenvolvimento econômico, e assegurando sua possibilidade de negociar cada força de trabalho.

2.2 EDUCAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA EVASÃO ESCOLAR: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

A história da democratização da educação no Brasil exprime contextos de lutas e disputas ideológicas acerca do perfil social que se deseja alcançar. Por séculos o perfil social escolhido, foi o do cidadão ignorante, com o país despontando mais de 80% da população analfabeta. Foi só depois da pressão dos organismos multilaterais, das organizações e movimentos sociais, que nas décadas iniciais do século passado, soprou aqui no Brasil, os ventos do processo de universalização da educação.

Neste contexto, o século XX foi marcado por Conferências, reformas, leis e constituições, que ao longo das décadas foram incorporando o nosso cenário educacional. Um dos grandes impulsionadores sociais sobre o direito a educação foi o Movimento da Escola Nova, impulsionado pelos pioneiros da Educação Nova, que defendiam uma escola para todos, já os

⁵ [...] enquanto os fabricos têm o domínio do processo produtivo, podendo faccionar sua produção, as facções se caracterizam por serem subcontratadas de fábricas e fabricos, dedicando-se a executar apenas uma parte da produção, e podem se diferenciar entre si de acordo com o tamanho (nº de trabalhadores (as), nº de máquinas e volume de produção), formalização (ou não), que momento do processo produtivo executa (parte ou todo), familiar ou não familiar, industrial ou artesanal e se é domiciliar ou não domiciliar. (NOGUEIRA, 2013, p.80).

grupos de direita, liderados pela Igreja Católica e os setores conservadores da época, pensavam em um modelo de escola elitista e seletiva. Todo esse cenário foi incapaz de resolver o real problema da situação, que era o analfabetismo da população e a garantia de uma escolarização mínima para todas as crianças da época.

Entre os anos de 1964 e 1985, em plena Ditadura Militar, houve uma expressiva expansão do quadro de escolas no país, tudo para atender ao *slogan* de campanha do regime, que era: Brasil potência”. Dessa forma, para se alcançar a meta, se fazia necessário um mínimo de escolarização de uma parcela da população. Foram os militares que também deram o carimbo de profissionalizante ao nível de Segundo Grau de Ensino. Todavia, se faz importante questionar que escolas eram essas e qual projeto de país elas atendiam?

Marisa Bittar e Mariluce Bittar (2012) apontam que, essa escola destinada as crianças das camadas populares, era a escola que,

[...] funcionava o turno intermediário, com pouco mais de três horas de permanência na sala de aula, mal aparelhada, mal mobiliada, sem biblioteca, precariamente construída, aquela em que os professores recebiam salários cada vez mais incompatíveis com a sua jornada de trabalho e com a sua titulação. A escola na qual era obrigatória a Educação Moral e Cívica, disciplina de caráter doutrinário, que além de justificar a existência dos governos militares, veiculava ideias preconceituosas sobre a formação histórica brasileira, e na qual o ensino da Língua Portuguesa, da História, da Geografia e das Artes ficou desvalorizado. (BITTAR; BITTAR, 2012, p.163).

O cenário da Educação brasileira reserva nas suas histórias, durante os anos de chumbo, uma tentativa de apagão das desigualdades e diferenças sociais. Foi só na década de 1990, após o processo de redemocratização do país, marcado pela constituição brasileira de 1988, que a educação básica viveu tempos de progresso. Os governos democráticos, a exemplo o de Fernando Henrique Cardoso, dedicaram sua atenção em melhorias educacionais voltadas ao combate do analfabetismo que atingia as classes populares do Brasil. Já o século XXI, marca o *boom* da Educação Superior no Brasil, advinda, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), como Presidente do Brasil. Entre os feitos deste governo, que priorizou a redistribuição de renda e igualdade de oportunidades para todos, destaca-se na área educacional, a ampliação do Fundef⁶ para Fundeb⁷, a criação de novas Universidades Federais e do Reuni⁸, que interiorizou o ensino superior público e de qualidade, e o lançamento do ProUni⁹

⁶ Fundo de Desenvolvimento e Manutenção do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.

⁷ Fundo de Desenvolvimento e Manutenção da Educação Básica e de Valorização do Magistério.

⁸ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

⁹ Programa Universidade Para Todos.

e do FIES¹⁰, que são programas de convênios com instituições de ensino superior privado de todo o país.

Neste processo evolutivo, os espaços escolares foram marcados por tensões importantes, relacionadas a diversidade escolar que se apresentava da sociedade. Dentre esses campos, as relações de gênero ocupam um lugar importantíssimo para a compreensão de como homens e mulheres estão ocupando esses espaços.

A palavra gênero vem ganhando destaque nas últimas décadas, sendo hoje um campo de disputa. Adotaremos para esta pesquisa, a definição de Guacira Louro (2014), que defende o conceito de gênero numa perspectiva da construção social e histórica do ser feminino e do ser masculino. O conceito de gênero é, então, transversal, perpassa pelas gerações assumindo significados temporais, é mutável, dado a cada contexto histórico, assim,

Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. [...] O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (LOURO, 2014, p. 26-27).

Por este modo, os processos das pesquisas em educação devem trabalhar a categoria gênero numa perspectiva interseccional que entende que as diferenças são fatores cruciais para a categorização das sociedades.

É fato que as diferenças entre homens e mulheres são exprimidas no contexto escolar desde a Educação Infantil, quando se opta por separar brincadeiras e brinquedos de meninos e brincadeiras e brinquedos de meninas. O acesso à educação de ambos, também vem se dando de formas diferentes, ao ponto que, quando se busca na literatura, identificasse que por muito tempo os meninos somaram alguns anos de instrução e escolarização a mais que as meninas, perspectiva esta, que só em meados dos anos 1980 e 1990 teve uma nova variação, onde os dados inverteram-se, passando o público de mulheres a permanecerem por mais tempo e na faixa de idade na escola. Hoje é possível afirmar que a expansão do sistema de educação formal beneficia particularmente as mulheres, conforme Silva e Gama conversam com Bonder (1994) “o câmbio mais evidente em sua condição social se expressa em seu acesso massivo à educação”. (SILVA; GAMA, 2008, p. 08).

¹⁰ Fundo de Financiamento Estudantil.

Essa ocupação de meninas e mulheres no espaço escolar é resultado da luta do movimento feminista, que reivindicou através da luta social o direito de acesso ao conhecimento institucional para as mulheres.

Mesmo num cenário de avanços, é inegável que o acesso das mulheres a educação formal tem sido um processo tutelado pelo patriarcado que controla e regula a sexualidade feminina. Se por um lado, meninos são instruídos a criatividade, a explorar, a brincar e correr, meninas precisam ser boazinhas, doces, quietas, comportadas. A escola por muito tempo tem sido uma grande reprodutora do machismo estrutural, que até os dias atuais viola os direitos de meninas e mulheres.

No que cerne sobre evasão escolar, Rosângela Fritsch e Ricardo Vitelli (2016), vão problematizar a temática, denunciando a lógica neoliberal, que influencia desde as relações de emprego, de educação, e de escolarização. Para estes, a evasão escolar

[...]relaciona-se com a perda de estudantes que iniciam, mas não concluem seus estudos, configura-se como desperdício social, acadêmico e econômico. A evasão escolar, aqui sinônimo de abandono escolar, significa desistência por qualquer motivo, exceto conclusão. É um fenômeno complexo, associado a não concretização de expectativas de pessoas e reflexo de múltiplas causas relacionadas a fatores e variáveis objetivas e subjetivas que precisam ser compreendidas no contexto socioeconômico, político e cultural, no sistema educacional e nas instituições de ensino. (FRITSCH; VITELLI, 2016, p. 01).

Concordamos com o dito, por compreendermos que as trajetórias escolares, muitas das vezes, são interrompidas pela pressão social de sobrevivência das classes populares, que em determinado momento, não por falta de tentativas e determinação, são levadas a dedicar-se integralmente ao trabalho que garante seu sustento e da sua família, principalmente quando os espaços escolares são excludentes, desconsideram os contextos sociais dos alunos, os definindo e rotulando a partir de pré-conceitos. Sem contar com o problema do desemprego estrutural, que justifica “para quem está dentro do mundo produtivo, a aceitação e submissão de regras de exploração estabelecidas pelos poderosos do mercado e capitalismo internacional para não ficar de fora” (Ibid. p.11).

Silva e Gama (2008) em sua pesquisa, sobre, e também, evasão escolar, identificaram que a escolaridade para os meninos possuía o ideário de um espaço para formação do ser homem, já para as meninas, o ideal era o da formação do ser mulher mais o desejo por um “novo ser mulher”. O ser homem e o ser mulher estão dentro da lógica tradicional de definição dos gêneros, onde o homem deve firma-se no trabalho e na busca por uma esposa ideal para cuidar de si, da casa e da família, já a mulher, tem o papel de assumir as responsabilidades domesticas de cuidado com a

casa e a família. o “novo ser mulher” para as mulheres, é o desejo de ter uma profissão, de ser independente financeiramente e ter mais domínio sobre si (SILVA; GAMA; 2008, p.14-15).

Quando esse novo ser mulher, de fato concretiza-se, e a mulher consegue ser exceção e alcançar um certo nível de instrução intelectual, capacitando-se para ocupar os mais variados postos de destaque no mundo do trabalho, ainda precisa lutar contra o preconceito e o desrespeito de só pelo fato de ser mulher ganhar menos, ocupando funções com o mesmo nível de instrução e até melhor desempenhado que colegas de trabalho homens.

Assim, da mesma forma que o mercado de trabalho, o ensino formal, em seus diversos níveis, apesar da igualdade constitucional de oportunidades educacionais entre homens e mulheres, e da miscigenação sexual teórica e legal das escolas, vem atuando no sentido de segregar os sexos por ramos e áreas de conhecimento. A consequência direta em termos de trabalho profissional é que este sistema vem fornecendo (pelo menos) argumentos para a segregação ocupacional, que constitui um fator limitador da participação da mulher na força de trabalho. (ROSEMBERG,1994, p. 10).

A desigualdade de gênero que permeia o espaço escolar, acaba por legitimar as relações de poder entre os sexos, contribuindo com a manutenção da divisão sexual do trabalho, onde homens, mesmos os pertencentes das classes populares, são formados para a dominação de todas as esferas, e as mulheres arcam com a dupla jornada de trabalho, fator este, que bate de frente com o fracasso escolar.

2.3 O LUGAR DAS MULHERES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO: PRECARIZAÇÃO

Em um contexto global, onde a humanidade está lidando diariamente com a crise social e econômica, geradas pelo sistema capitalista, pesquisar a influência dessas consequências para as mulheres se faz relevante, por ser, o público de mulheres, aquele que está à mercê nesse cenário caótico, que as desqualifica, as explora e as sobrecarregam em uma exaustiva dupla jornada de trabalho.

A divisão sexual do trabalho nem sempre existiu, existiram gerações em que as atividades laborais eram realizadas por todos os membros da família, sem que houvesse qualquer relação de poder, tudo unicamente voltado ao sustento familiar. Ao longo dos séculos esse modelo foi tomando novos contornos, com o início da dominação territorial, surgiram novas formas de poder e dominação, onde o homem passou gradativamente a assumir-se como detentor da terra, bens e família. Assim, vai tomando corpo a lógica patriarcal, cultura esta, que “ao longo do tempo foi “[...] produzindo uma maneira de viver caracterizada por ações que

promoveram as relações do tipo: dominador-dominado, superior-inferior, masculino-feminino” (SANTOS, 2008, p. 39).

Até chegarmos ao modelo societário atual, mais transformações e períodos históricos foram vivenciados pela humanidade, períodos estes, que foram demandando novas configurações de trabalho. Santos (2008) ao fazer esse recorte temporal, descreve que a Idade Média marcou a transição do modelo econômico agrícola e campestre para o modelo manual de produção artesã e tecelã urbanos. Muitas foram as famílias de agricultores que migraram do campo para os centros das cidades que vinham demandando mão-de-obra. Estas atividades eram desenvolvidas no modelo manual de produção, e dentro do espaço doméstico.

Já as sociedades pré-industriais e industriais respiraram os ares do progresso, a revolução das máquinas industriais alavancou o crescimento territorial e econômico dos centros urbanos, iniciando-se o processo fabril, onde o trabalho deixa o chão das casas (espaço privado) e adentra o chão das fábricas (espaço público). A alta demanda das fábricas careceu da busca por mão-de-obra barata, o proletariado, oriundo das classes sociais mais vulneráveis e carentes, viu-se obrigado a vender sua força física como produto e mercadoria.

A criação dessa classe operária, assalariada, pode ter sido um dos maiores fatores para impulsionar a ideia de diferenças entre homens e mulheres, além da soberania do homem sobre as mulheres, pois,

O trabalho das mulheres nas fábricas era considerado uma extensão de seus trabalhos domésticos, um complemento da renda familiar. Em outro sentido, o trabalho realizado pelos homens, com salários frequentemente superiores, era tido como o responsável pelo sustento familiar, reconhecendo-os como provedores e “chefes-de-famílias”. (SANTOS, 2008, p. 40).

A Europa, foi o seio dessa transformação social, foi na França, através do movimento feminista, que se cunhou o termo e definição da divisão sexual do trabalho, que de acordo com Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), é a forma

[...] de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada historicamente e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA; KERGOAT. 2007, p.599).

Contudo, para uma maior esmiúces do termo, Hirata e Kergoat (2007), defendem ser necessário distinguir os princípios norteadores da divisão sexual do trabalho e suas

modalidades. Sendo eles: “1º) o princípio de separação, que distingue trabalho de homens e trabalhos de mulheres; 2º) o princípio hierárquico, que qualifica o trabalho de homens como mais valioso que o trabalho de mulheres”.

Ainda para Hirata e Kergoat (2007), a ideia naturalista, que rebaixa as mulheres ao sexo biológico, reduzindo as práticas sociais a “papeis sociais” sexuados, é a responsável pela validação desses princípios em todas as sociedades, independente de tempo e espaços que estejam situadas. Assim, o homem põe-se como um infinito deus, soberano em todas as esferas, e a mulher como apenas um ser servil, destinada a arcar com as responsabilidades da reprodução.

O processo de evolução das mulheres sobre o trabalho, principalmente nas últimas gerações, é inegável. Elas ocupam os mais variados espaços, as mais variadas profissões, cargos de destaque e de chefia. A luta feminista das últimas décadas garantiu e vem garantido o direito de as mulheres serem cidadãs com voz e fala.

Apesar disso, a ascensão social das mulheres se deu em uma via de mão dupla: o acesso ao trabalho digno e o acesso ao trabalho precário. A tendência de diversificação do trabalho, nos aponta um cenário de bipolarização do trabalho feminino, onde uma pequena parcela teve acesso aos trabalhos qualificados, ditos executivos, que exige um certo grau de formação e garante uma boa remuneração, por outro lado e bem mais expressiva está cerca de 90% das mulheres ocupando postos de trabalhos com baixa qualificação profissional, sendo mal pagas e sem perspectiva de carreira (HIRATA, 2001, p. 148-149).

O capitalismo consegue então, apropriar-se e tutelar a luta feminista por direitos, dividindo a luta das mulheres em dois grupos, com perfis sociais distintos, ofertando para umas, alguma pouca condição de trabalho, e a todas as outras jogando ao subemprego. Por esta razão se faz cada vez mais importante o papel e organização do movimento feminista para denunciar e lutar contra mais essa tentativa de controle social pelas classes dominantes.

A precarização do trabalho das mulheres passa então, pelo processo da flexibilização do trabalho, a lógica do empreendedorismo, do trabalho autônomo, chega em cheio na vida das mulheres, que por não serem isentadas em nenhum momento do trabalho doméstico realizado em suas casas, precisam utilizar de formas de trabalho que lhes possibilitem dar conta das duas atividades, neste contexto, as mulheres são sobrecarregadas, vivendo em exaustiva dupla jornada de trabalho, sendo um pago e o outro não pago.

Mas de que forma essa dupla jornada de trabalho ligada diretamente a essas novas configurações de trabalho contemporâneas, interfere ou reflete no não real protagonismo social

das mulheres? Limitando-as. Se a mulher não pode decidir sobre suas prioridades, se a elas não lhes é garantido o direito de escolher sobre o que se dedicar, então a ideia de autonomia feminina sobre o trabalho, não passa de uma ideia de protagonismo maquiado.

Neste sentido é que Nogueira (2013), vai nos dizer que,

[...] a dupla jornada de trabalho das mulheres limita a sua capacidade de escolher a vida que desejam, pois, embora tenham assumido posições com maiores responsabilidades e dedicado mais tempo ao trabalho remunerado, permanecem, em sua maioria, no mercado de trabalho, sem autonomia econômica e participação política. Além disso, a responsabilidade quase exclusiva das mulheres em atividades reprodutivas e os cuidados em casa são motivos de discriminação por parte dos empregadores para a contratação, bem como a discriminação salarial contra as mulheres (NOGUEIRA, 2013, p.35).

Dessa forma, é preciso repensar sobre estas exacerbadas exaltações a estas novas configurações de trabalho contemporâneas, que vem atraindo majoritariamente o público de mulheres a sua adesão, privando-lhes da capacidade de escolha e participação social de forma igualitária¹¹.

O trabalho domiciliar está inteiramente conectado ao trabalho informal, peça chave da precarização do emprego. As mulheres, por não poderem deixar os compromissos do cuidado com a família e a casa, montam em suas próprias residências negócios econômicos, seja por uma renda própria extra, seja pela necessidade de contribuir com as despesas da casa ou até mesmo por ser a única provedora do lar.

Se faz pertinente trazer a contextualização, de como se apresenta o trabalho doméstico para as mulheres, por Simone de Beauvoir em seu livro “O Segundo sexo: a experiência vivida (2019), quando a mesma relata que,

Há poucas tarefas que se aparentem, mais do que as da dona de casa, ao suplício de Sísifo; dia após dia, é preciso lavar os pratos, espanar os móveis, consertar a roupa, que no dia seguinte já estarão novamente sujos, empoeirados, rasgada. A dona de casa desgasta-se sem sair do lugar; não faz nada, apenas perpetua o presente; não tem a impressão de conquistar um Bem positivo e sim de lutar indefinidamente contra o Mal. É uma luta que se renova todos os dias. (BEAUVOIR, 2019, p. 224).

Quando se pensa a realidade das mulheres costureiras de Toritama, que instalam em suas casas as facções de confecção de roupas jeans, nos deparamos de imediato com os

¹¹ Confirmou-se que 90,7% das mulheres que estão no mercado de trabalho também realizam atividades domésticas – percentual que cai para 49,7% entre os homens. No trabalho remunerado elas gastam, em média, 36 horas por semana, enquanto eles, 43,4 horas. Em casa, por outro lado, elas gastam 22 horas semanais e os homens, 9,5 horas. (NOGUEIRA, 2013, p. 36).

contextos acima. O trabalho doméstico e o trabalho fabril se entrelaçam em um só ambiente, de forma precária, sem nenhuma segurança ou condição de trabalho, colocando crianças em risco de acidentes, não há regulamentação, hora certa de iniciar e parar, seguridade social, direito trabalhista. Desde o acordar ao dormir, mulheres dedicam todo seu tempo aos afazeres domésticos e a costura, com pouca ou nenhuma interferência dos homens da casa. É por este motivo que a precarização do trabalho das mulheres se soma a precarização familiar, pois o fator de vulnerabilidade que perpassa essas duas categorias, engendra de um contexto econômico fragilizado que busca na informalização do trabalho a alternativa de superação. Deste modo, ambas categorias devem ser analisadas conjuntamente (HIRATA, 2010, p.45).

Mais uma vez, o Estado isenta-se de suas responsabilidades, de participar ativamente em uma busca de alternativa que garantam os direitos humanos, principalmente as mulheres, de exercerem uma vida plena com equilíbrio entre a vida doméstica e o trabalho externo pago.

3. METODOLOGIA

Para construção do presente exercício de pesquisa, partimos de Gil (2002), que sublinha que o objetivo primordial de uma pesquisa deve ser o de desvendar respostas para problemas a partir do emprego de procedimentos com cunhos científicos (GIL, 2002, p.17). Teoria e prática, confrontam-se no experienciar do tema central desta pesquisa, o qual pretendemos enriquecer com os resultados obtidos.

Para que pudéssemos atender aos nossos objetivos de pesquisa, utilizamo-nos da pesquisa do tipo qualitativa que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DESLANDES et. al.1994, p. 21).

3.1 FINALIDADE DO ESTUDO

Esse exercício de pesquisa, inseriu-se dentro da perspectiva da pesquisa exploratória e explicativa. Gil (2002, p. 42) defende que para aproximar-se do campo empírico é necessário “familiariza-se com o problema, assim, foi na realidade apresentada do e com o campo que nos permitimos explorar nossos objetivos, afim de conhecer a história, o modo de vida, e as influencias que perpassam as vidas interrompidas das costureiras de jeans de Toritama. Só após esse caminho minucioso no campo, conseguimos caminhar em direção as relações, fenômenos e motivos que de fato interagem com esses contextos sociais de anulação das mulheres costureiras, que perpassam as relações de trabalho, educação e gênero. Assim, é que Gil (2002) também vai dizer que, a pesquisa do tipo explicativa deve procurar identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

3.2 MÉTODO DA PESQUISA

Baseamo-nos no método do Caso Alargado, que se desenvolve em uma ótica que visa elevar ao máximo a compreensão de quem pesquisa a partir dos dados coletados no campo. Dessa forma é que Boaventura de Sousa Santos (1983) vai dizer que,

Em vez de reduzir os casos às variáveis que normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso com vista a captar o que há nele de diferente ou de único. A riqueza do caso não está no que nele é generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que constituem (SANTOS, 1983, p.11).

Esse método amplia o estudo de caso, que permite ao pesquisador o desenvolvimento de uma análise intensa do elemento explorado, além de prover técnicas de observação participante, diálogo com os sujeitos da pesquisa, entre outros.

3.3 DELIMITAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA

A nossa pesquisa delimitou-se a estudar as trajetórias de vida de mulheres costureiras de Toritama que evadiram da escola e adentraram no sistema fabril de confecções de jeans na cidade Toritama. A escolha dessa experiência se dá pelo motivo de aproximação com essas realidades, de entender que estas mulheres invisibilizadas dentro de suas casas, em rotinas exaustivas de um trabalho que unificam o modelo reprodutivo e o produtivo, merecem ser vistas, terem suas histórias contadas e até mesmo denunciadas por serem vítimas de dupla opressão, pelo patriarcado e pelo capitalismo.

Nossa pesquisa realizou-se em facções domiciliares e familiares, gerenciadas por mulheres costureiras da cidade de Toritama, com o propósito de levantar dados empíricos de modo a confrontar teoria e prática.

3.4 FONTES DE INFORMAÇÃO

O trabalho da coleta de dados se deu com 05 mulheres costureiras, donas de facções domésticas. A estas, demos nomes fictícios, afim de preservar o sigilo das participantes. Os codinomes, tomaram como referência, o sobrenome de mulheres influentes brasileiras, são eles: Meireles; Coralina; Gonzaga; Queiroz; Lispector.

Na tabela a seguir representamos o perfil pessoal das entrevistadas, para que fique possível ao leitor uma maior projeção destas.

Tabela 01

Nome	Idade	Estado Civil	Grupo Familiar
Meireles	26 anos	Solteira	01 pessoa
Coralina	42 anos	Casada	05 pessoas
Gonzaga	32 anos	Casada	05 pessoas
Queiroz	41 anos	Divorciada	02 pessoas
Lispector	26 anos	Casada	04 pessoas

Fonte: A autora (2021).

3.5 TÉCNICAS DE COLETA

O grande foco de observação e análise para as experiências serão os encontros entre, saberes, poderes, grupos sociais e pessoas, o que inclui o contato e interlocução com as pessoas dos grupos acima citados. Neste sentido, Lage (2005) diz que, a cada encontro é preciso “observar, além das falas e dos silêncios, os espaços, os atores, as atividades, a atmosfera do ambiente, os comportamentos e os sentimentos” (LAGE 2005: 198).

Para tanto as técnicas de coleta de dados foram várias, de modo a atender as oportunidades de compreensão que estes encontros podiam nos oferecer.

Entre as técnicas cabíveis de serem usadas por esta pesquisa, para atender aos nossos objetivos específicos, utilizamos a técnica da consulta bibliográfica, que deu corpo ao nosso referencial teórico, e que segundo Gil (2002) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 44).

Além desta, fizemos uso da técnica da observação direta, que de acordo com Marina Marconi e Eva Lakatos (1996, p. 79), se propõe a explorar informações cotidianas sem se basear em um diálogo mais rebuscado, buscando-se atentar ao que realmente é colocado pela realidade do campo e do social ao qual os sujeitos estão inseridos. A entrevista semiestruturada foi utilizada para poder garantir que mesmo com um roteiro pronto, houvesse espaço para novos questionamentos pelo entrevistador (a), de acordo como o campo fosse sendo apresentado e se tornasse necessário.

3.6 ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Para o estudo dos dados colhidos no campo, utilizou-se a Análise de Conteúdo, já que proporciona um melhor entendimento e uma melhor sistematização das informações, além de delinear muito bem os procedimentos a serem desenvolvidos. Para Franco:

São perfeitamente possíveis e necessários o conhecimento e a utilização da análise de conteúdo, enquanto procedimentos de pesquisa, no âmbito de uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento. (2008, p. 10).

Tal técnica se utiliza dos dados obtidos através das conversas e das entrevistas realizadas com os indivíduos do campo de pesquisa. De acordo com Vala (2001) a finalidade da análise de conteúdo é efetuar inferências com apoio em uma lógica explicitada sobre as mensagens, cuja características foram catalogadas e sistematizadas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para fins do exercício de aproximação desta técnica de pesquisa e da riqueza do trabalho de campo, os dados serão analisados a partir das categorias, refletidas nos itens seguintes: i) “Costurando Gerações”, que apresenta uma contextualização histórica da cidade de Toritama-PE sob a influência do setor de confecções de roupas jeans; ii) “(Des)Costurando trajetórias: escola”, onde se buscou fazer uma análise dos motivos que levaram as costureiras de Toritama-PE a evadirem da escola; iii) “Costurando em linha reta: mulheres”, categoria que descreve a relação de trabalho das mulheres costureiras nas facções de jeans em Toritama-PE.

4.1 COSTURANDO GERAÇÕES

No cerne desta pesquisa, o contato com as mulheres costureiras nos fez de imediato enxergar, que por trás de cada uma havia uma outra mulher costureira. Percebemos então, o quão forte é a influência do ofício da costura, onde famílias vão tecendo gerações de costureiros(as), com perspectivas de vida pouca ou quase nada diferentes.

Quando perguntamos se os familiares mais próximos das entrevistadas também trabalhavam costurando, obtivemos os seguintes diálogos:

Sempre. Meu pai, minha mãe, meus irmãos. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Sim. Minha mãe, minha irmã, minhas tias e primos e meu filho mais velho. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Sim, Todos! Minha mãe, irmãos, tias, primos. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Ocorreram também, relatos que evidenciaram o processo migratório das famílias do trabalho com a agricultura para o trabalho com a confecção de roupas.

Só minhas irmãs e irmão. Meus pais são agricultores. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Os meus pais eram agricultores. Minha mãe também costurava particular. [...] Minha irmã mais velha começou mais cedo, acho que com 11 anos ela começou a costurar, depois ela casou. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Este processo migratório, enfatiza a ressalva de Lindôso (2011), sobre o fato de a cidade de Toritama não possuir uma tradição com confecções e vestimentas. Havia sim uma cultura, mas está se dava sob influência da pecuária e da produção artesanal de calçados de couro.

Contudo, neste recorte histórico, encontramos subsídios que apontaram o fato de que, mulheres já dominavam as máquinas de costura e a produção de roupas como profissão remunerada, muito antes da chegada do jeans na cidade

Antigamente não tinha jeans, aí tinha bastante costureira em Toritama, mas elas faziam roupas, vestidos. Aí a gente tinha o costume de chamar elas de costureiras particular. Você chegava lá, encomendava a roupa e elas faziam. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Milanês (2020) ao trazer Santos e posteriormente Cabral, reflete sobre como o trabalho com a costura artesanal de roupas, era parte integrante do trabalho doméstico de mulheres, neste mesmo passado, a compreensão de educação das mulheres atravessava antes de tudo o aprender a cuidar da casa, então, a cultura local criou as costureiras domésticas, que tinham por obrigação, também, o cuidado com as vestimentas familiares, só depois essa atividade que não gerava nenhuma remuneração para essas donas de casa, foi sendo tomada por algumas como garantia de uma renda extra.

Partindo para o período de inserção das mulheres na confecção de jeans em Toritama, os dados da tabela a seguir, expõem a entrada precoce de mulheres no mundo do trabalho fabril, e sua permanência na profissão como costureiras, além de como se deu esse primeiro contato com a máquina de costura industrial.

Tabela 02

Nome	Quem ensinou a costurar	Idade Inicial	Tempo de exercício na profissão
Meireles	Mãe	14 anos	11 anos
Coralina	Cunhada	28 anos	14 anos
Gonzaga	Gerente da facção	15 anos	17 anos
Queiroz	Vizinha	12 anos	29 anos
Lispector	Sozinha	09 anos	17 anos

Fonte: A autora (2021).

Percebesse então, que a maioria aprendeu a costurar sob influência de familiares e pessoas próximas, mesmo Lispector, que revela ter aprendido o ofício sozinha, deixa escapar que este aprendizado aconteceu na facção de sua tia.

Ninguém. Aprendi vendo os outros costurar na casa da minha tia. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Milanês (2020) descreve o ato de costurar como aquele que “envolve o saber fazer, o conhecimento e o controle sobre a realização da tarefa e também do tempo”, nesta pesquisa, o trabalho com a costura insere-se neste ato de costurar, pois, identificasse que o encontro de gerações, a cultura e os significados da costura, acontecem bem ali, no meio das facções domésticas. Quando perguntarmos sobre quem eram as pessoas que trabalhavam nas facções dessas costureiras, pudemos perceber essa troca de experiência familiar.

Eu, meu esposo, meu filho, e mais duas costureiras. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Eu, meu filho, meu esposo, minha nora, minha prima e um funcionário de fora. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Minhas irmãs, sobrinha, mãe e vizinha. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Sobre os contextos sociais vivenciados por essas famílias, esta pesquisa identificou que o cenário é de fragilidade e vulnerabilidade social, pais que não tinham condições de garantir o sustento da casa e necessitavam da ajuda e trabalho dos(as) filhos(as) para contribuir com a renda familiar.

Meus pais são analfabetos. Minha irmã mais velha, parece que fez até a 3ª série. Meus outros dois irmãos não foram para a escola, porque tinham de ajudar meu pai. Minhas duas irmãs mais novas do que eu, fizeram até a terceira ou quarta série. Assim, a gente já vinha de uma família que, a avó era analfabeta, pai analfabeto. (CORALINA, costureira, 42 anos).

A gente ou estudava ou trabalhava pra ajudar os pais. Aí tinha que trabalhar mesmo. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Bruto. Minha mãe sabe ler um pouco, minha irmã também abandonou a escola muito cedo pra trabalhar costurando. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Nestas condições, justificasse a atração dessa classe trabalhadora para a confecção de jeans, por ser um trabalho que não exige qualificação profissional, que ao longo dos anos foi mostrando que tem espaço para todos(as), independente de idade ou gênero, um trabalho que garante renda em troca da venda de mão de obra barata. Num cenário de famílias sem opções, o desemprego estrutural atingindo milhões de pessoas no país, políticas de assistência social ainda insuficientes, só lhes resta vender o que tem, que é sua força de trabalho, e consecutivamente seu tempo, sua saúde, sua liberdade.

Já o processo de terceirização e flexibilização do trabalho, que culminou na transformação das fabricas de jeans para o sistema de facções, surgiu nesta pesquisa, em uma das entrevistas, quando Coralina fez um recorte histórico de como aconteceu essa mudança.

Quando apareceu facção, já em 1996 ou foi 1998, fazia pouco tempo que eu tinha começado a costurar, porque antigamente as costureiras que fabricava jeans, elas faziam a calça completa, era os fabricos, você tinha de ser uma costureira que fazia do cós ao abanhado. Aí, depois da facção, foi que cada uma começou a fazer só trazeira, só abanhado. A peça acabou que se dividindo, aí era mais fácil você chegar a aprender a costurar. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Com este relato, podemos perceber como a relação costureiro(a) e costura foi sendo quebrada ao longo dos anos, quem costura não tem mais uma visão da peça totalmente finalizada, tudo isso para atender e garantir uma maior agilidade e produção das mercadorias. Nessa perspectiva é que Nogueira (2013) vai defender que

[...] o sistema de facção pode ser entendido como estratégia empresarial de extensão da flexibilidade do trabalho. Geralmente, a baixa qualificação profissional, a informalidade e a flexibilidade de horários são fatores característicos dessa atividade. A maioria da produção é feita por meio de pequenas fábricas que também contratam o serviço de costureiras autônomas através da facção, sendo que o pagamento é feito por produção e a remuneração baseada no número de peças produzidas, sem vínculo empregatício. (NOGUEIRA, 2013, p. 76-77).

Se hoje a cidade de Toritama é uma das maiores produtoras de jeans do Brasil, deve-se ao trabalho frio e sem vida, realizado por corpos que estão estáticos, costurando em linha reta, sem tempo de olharem para o lado e se perceberem numa situação de exploração, para poderem questionar os meios de produção e lutar por melhorias no trabalho.

Mas, quem lucra com o trabalho repetitivo e mecânico? O que de fato significou a troca de fabricos por facção? Observemos a fala a seguir,

Aí começou a todo mundo que era fabricante a fechar os fabricos e fazer facção, porque saía mais fácil. Aí ele disse: porque a gente não pega umas máquinas e começa a trabalhar em casa? porque assim, eu podia trabalhar e tomar conta deles. (CORALINA, costureira, 42 anos).

O sistema de facções instaurados em nome de uma “saída mais fácil”, essa alternativa significou nada mais e nada menos, que a perda de direitos dos(as) trabalhadores(as) de grandes fábricas de costura na cidade, que exerciam jornadas de trabalho de 08 horas diárias, que tinham direito a intervalos para almoço, lanche e necessidades biológicas, além de décimo terceiro e férias. A ideia de liberdade e de autonomia, que habita o ideário das(os) costureiras(os) de jeans, é na verdade uma falsa ideia de trabalho livre, que se consiste em “um cenário com ambientes domiciliares e coletivos transformados em espaços de produção, mão-de-obra barata atrelada à

desregulamentação das relações trabalhistas, especulação imobiliária e crescimento acentuado da população” (NEGREIROS, 2010, p. 44).

Toritama, uma fábrica disfarçada de cidade, que teve então, sua história moldada nas últimas décadas sob a influência do setor de confecções de jeans, segmento este, que trouxe subsídios de sobrevivência para a população através de novos meios de trabalhos, mas o qual, explora e adoce a população, consumindo-lhes sua força de trabalho, principalmente a das mulheres costureiras. Sem uma intervenção estatal que possa regulamentar a produção informal que sustenta todo o setor de produção da região agreste de Pernambuco, a invisibilidade da precariedade do trabalho das(os) costureiras(os) seguirá em um cenário de precariedade.

4.2 (DES)COSTURANDO TRAJETÓRIAS: ESCOLA

Em um ambiente fortemente marcado pelo trabalho, onde crianças são iniciadas precocemente em atividades laborais, por variados motivos, que expõe o contexto de vulnerabilidade que estes se encontram, falar em Educação parece ser algo impossível na Capital do Jeans, principalmente para as mulheres costureiras que cresceram no processo de transição do polo calçadista para o polo do jeans.

Esta pesquisa aponta que, as mulheres que realizam a união do trabalho doméstico com o trabalho produtivo dentro de suas casas, não alcançaram o nível máximo de escolarização. Tal fato nos leva a buscar e analisar os principais motivos que levaram estas mulheres a evadir da escola, algumas ainda na infância.

Nogueira (2013) trazendo Lira (2006) aponta que “muitas crianças e jovens passam a contribuir com as confecções e se afastam da escola, provocando baixos índices educacionais na região “(p.80). Para as mulheres, os fatores sociais que as afastam da escola, vão além, passando por uma perspectiva de gênero. Simplesmente por serem mulheres, precisam estar sempre disponíveis para cuidar de tudo e todos, e por mais que essa disponibilidade as vezes pareça partir de uma escolha delas próprias, quem está a decidir, quem dita as regras é o patriarcado opressor que aliado ao capitalismo, vem aprisionando as mulheres ao lar, fazendo-as assumir o trabalho reprodutivo e o trabalho produtivo, num entrelaçamento que mal permite as estas tempo para si.

Podemos observar na tabela 03, que essas mulheres tinham sonhos, pensavam em seguir profissões diferentes das que exercem hoje, e que mesmo no cotidiano social guiado pela precarização do trabalho que exercem, ainda guardam consigo a crença no poder da educação

para com as suas vidas, afirmando que em algum momento já pensaram ou pensam em voltar a estudar.

Tabela 03

Nome	Idade que evadiu da escola	Grau de Ensino	Sonho de Profissão	Teve ou tem Pretensão de voltar a estudar?
Meireles	18 anos	Ensino Médio Incompleto	Nutricionista	Sim
Coralina	15 anos	Ensino Fundamental Completo	Professora	Sim
Gonzaga	13 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Dentista	Sim
Queiroz	10 anos	Ensino Fundamental Incompleto	-----	Sim
Lispector	15 anos	Ensino Fundamental Completo	Médica	Sim

Fonte: A autora (2021).

Contudo, ao decorrer dessa pesquisa e análise dos dados, fica-se evidente o quanto a escola passa a ter papel secundário na vida dessas mulheres, principalmente por estas, desde muito cedo, assumirem responsabilidades com o trabalho doméstico, seja ajudando outras mulheres com a casa e até os filhos, ou seja, por conta de um casamento precoce. A união do trabalho reprodutivo e o produtivo é o fator principal apontado por estas para o não prosseguimento com o processo de escolarização.

Das circunstâncias. Eu quando aprendi a ler com 13 anos, eu vi se abrir um leque de coisa pra você sonhar, eu queria datilografar, que no meu tempo não tinha computador. Só, que também, eu já trabalhava de baba, eu cuidava dos meus sobrinhos, e aí eu faltava muito na escola. Criança, com treze anos, e cuidar de criança e ir pra escola, cuidar de criança é um serviço diário, com muitas tarefas. Ai com 15 anos eu fiquei grávida, e aí tive que parar de vez. Eu senti que a escola não era mais meu lugar, não tinha mais como eu estar lá. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Sim. Casei cedo, aí não me dediquei, tive que me dedicar a arrumar um trabalho e trabalhar. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Beauvoir (2019) vai dizer que, “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo” (p.185). Desta forma, a escola como um não

lugar para jovens meninas reflete essa predestinação ao casamento, a fala de Coralina não é única, repete-se com Gonzaga, quando lhe perguntamos sobre os motivos que a levaram a evadir da escola:

Ter casado cedo, fiquei grávida cedo, e aí a gente fica com vergonha de ir pra escola. Com 13 anos, grávida e ir pra escola? (GONZAGA, costureira, 32 anos).

O casamento na adolescência chega até essas mulheres como uma fase limite para a escola, além da dificuldade em poder conciliar as novas atividades domésticas, o sentimento de não pertencimento, muitas vezes intrínseco no currículo oculto das escolas, contribuíram para que aquelas adolescentes não continuassem os estudos.

A constituição brasileira de 1988 em seu Art. 205, marca legalmente a universalização da educação no país, definindo a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família. será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Porém, essa garantia de direitos educacionais está acontecendo de forma desigual para as mulheres, uma vez que, estas são apontadas como um dos grupos sociais que mais sofre com a exclusão educativa, juntamente com as camadas sociais ditas “minorias”. como aponta Benigno Novo (2018),

As populações que sofrem maior exclusão educativa são as que vivem em contextos rurais isolados, em situações de pobreza (convém ter consciência que as crianças mais pobres têm quatro vezes menos probabilidades de ir à escola que as mais ricas), as meninas e mulheres (duas em cada três pessoas adultas analfabetas são mulheres), as que pertencem a grupos étnicos minoritários, os migrantes, refugiados ou deslocados, as que vivem em zonas de conflito, e ainda aquelas que têm necessidades especiais (cerca de 150 milhões de menores têm algum tipo de deficiência) (p.123).

Se o ensino fundamental obrigatório é o mínimo em termos de educação, as mulheres costureiras de Toritama vivem contextos de exclusão e não garantia de direitos.

Observou-se ainda, nos relatos a seguir, quando se questionou as mulheres sobre de quem partiu a decisão de parar de estudar e os motivos de interromperem os estudos, que mesmo estas apontando ter sido uma decisão delas, percebe-se que não foi uma escolha fácil, mas necessária.

O foco na vida financeira. Foi no momento que eu achei que podia conseguir uma vida financeira melhor, estável, eu pensava naquela época, com a mentalidade de adolescente que eu costurando, talvez eu conseguisse uma

vida financeira estável, sem precisar perder muitos anos com o estudo pra poder conseguir. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

As coisas de casa, a facção. Eu faço quase tudo, não sobra tempo pra estudar. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

A gente ou estudava ou trabalhava pra ajudar os pais. Aí tinha que trabalhar mesmo. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Trabalho. Porque eu trabalhava e muitos patrões não queria que a gente sáisse pra estudar. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

A não permissão dos patrões é algo presente na cultura advinda com as fabricas de jeans, como mencionado em outro ponto deste texto, o trabalho com a costura de jeans não exige qualificação profissional, exige tempo e dedicação. Por isso a naturalidade de produtores de jeans, levarem as costureiras a escolherem entre o trabalho e a escola. Essa questão é ainda mais enfatizada, quando as costureiras respondem sobre tentar conciliar escola e trabalho.

Tentei, mas por pouco tempo, foi por isso que eu desistir, porque tava final de ano, tava muito corrido, porque no final de ano tem muito serviço, é mais corrido, porque final de ano sempre tem muita costura, aí eu peguei e desistir pra dar conta. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Não. Quando comecei a trabalhar já não estudei mais. depois que aprendi a costurar, aí sim, porque é um serviço que rouba muito o tempo. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Tentei estudar de noite, mas aí tinha de fazer serão, aí eu desisti. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Os serões, é como são chamados na cidade e região o trabalho noturno, que leva essas mulheres a costurarem até a madrugada, para poderem dar conta das altas demandas de produção de jeans. Nem no ensino da EJA, que é uma proposta aligeirada de ensino, foi possível a estas mulheres conseguirem concluir ao menos o Ensino Médio. Nesta perspectiva é que Fritsch e Vitelli (2016) sustentam que essa realidade enfrentada por essas mulheres são muitas das vezes “inconciliável para manter de forma simultânea a relação emprego e escola” (p.12).

Ainda sobre um possível retorno destas mulheres a sala de aula como alunas, há nos discursos delas uma pretensão e vontade, algumas conseguem se imaginar regressando, outras já não se veem mais ocupando esses espaços, e projetam suas vontades sobre seus filhos.

Sim. Eu sinto falta da escola, as vezes eu até comento que, se meus filhos crescerem mais, eu volto pra sala de aula, isso eu sinto. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Teve uma época que passou na minha cabeça, mas hoje em dia, eu tenho vergonha de chegar numa sala de aula. Não sei nem onde começar. Eu queria muito era que meus filhos seguissem os estudos, pra lá na frente eu ter um orgulho dos dois. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Sim. Mas hoje em dia não dá mais. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Sobre alternativas e perspectivas outras, que podiam ter contribuído com a não evasão escolar dessas mulheres, foi apontado por elas, principalmente, o apoio familiar para que elas persistissem na escola, e a questão financeira das famílias.

Meus pais ter me incentivado. Não, não precisa desistir. Assim, meus pais nunca mandaram eu parar de trabalhar, meu pai nem queria que eu trabalhasse, mas acho que quando eu decidi desistir dos estudos, faltou meus pais dizerem mais, olhe você não precisa e tal, mas aí eles não interferiram na minha decisão, então eu parei. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Conselho. Alguém que me ajudasse, que me mostrasse que eu podia. Acho que alguém que dissesse assim: olha, é teu lugar sim, mesmo grávida ou não, é teu lugar, teu direito. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Se eu não tivesse casado, né? Se eu não tivesse casado cedo, eu acho que eu tinha terminado os estudos, né? Um conselho podia ter ajudado, orientação. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Oportunidade. Todo mundo precisa de uma oportunidade. Teria sido ajuda financeira que a gente não tinha. A gente foi de uma família muito humilde. E até hoje a gente vive em cima de uma máquina. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Se eu tivesse quem me desse as coisas, não precisasse trabalhar. Mas eu não tinha. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Com relação ao impacto que a interrupção dos estudos causou a estas mulheres, unanimemente elas alegam que sofrem as consequências dessa decisão, que as afetou de forma negativa, que hoje poderiam ter vidas diferentes ou ao menos vidas melhores e com mais oportunidades.

Negativo! Porque hoje eu podia ter outra profissão, podia estar ganhando mais, ter mais tempo para mim, para minha família, coisa que eu ainda não tenho, por enquanto. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Negativo! Muito negativo. Porque assim, eu gostava de estudar, e como meu esposo também não sabia ler, então eu tinha de ler por mim e por ele. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Negativo! Porque o estudo é muito importante, né? Ai devido à dificuldade, que eu casei cedo, aí tive de parar os estudos, aí hoje sinto falta. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Negativo! Se eu tivesse continuado estudado, eu não tinha me casado tão nova, podia ter um emprego melhor. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Dessa forma, é que Fritsch e Vitelli (2016) vem dizer que, “a educação como formação humana ou escolarização se coloca como uma perspectiva, projeção de futuro em detrimento do trabalho que reduzido à condição de emprego precarizado é condição de sobrevivência” (p.11).

As facções de jeans possuem, também, uma pequena parcela de homens costureiros, como foi possível observar ao apontamos quem eram as pessoas que trabalhavam com as costureiras nas facções, contudo, a profissão é predominantemente de mulheres, justamente por esta profissão fazer parte do grupo de trabalhos que as mulheres podiam participar ainda quando não havia de fato, uma participação e luta feminista em prol da inserção de mulheres no mundo do trabalho. Por sua vez, estes, são postos de trabalho desvalorizados, que se assemelham ao cuidado doméstico, assim como a docência.

A privação dessas mulheres de não poderem seguir com seus estudos diante da obrigação de realizar as atividades domésticas em casa, de uma gravidez na adolescência, de serem pressionadas a permanecer dentro de casa costurando até altas horas, só mostra o quanto o fenômeno da evasão escolar se apresenta para as mulheres costureiras de Toritama numa perspectiva de gênero. A mulher privada de escolhas, seguindo a regra patriarcal que define o lugar dela ao cuidado com a casa em alinhamento com trabalhos produtivos domésticos, gera lucro para quem? Podemos afirmar que aos patrões.

As empresas de confecções de jeans, encontraram um solo fértil de possíveis trabalhadores, percebendo que aquelas mulheres, aquelas crianças e idosos de uma mesma casa, podiam ser transformados (as) em mão de obra barata, realizando atividades compatíveis com a rotina doméstica, que serão compreendidas por estas pessoas, como uma oportunidade de renda extra, talvez até como uma ajuda, por não tirarem as donas de casa do lar, lhes possibilitando assumirem mais um trabalho, que de alguma forma vai parecer para elas um ganho, mais autonomia, já que elas passam a serem inseridas no mercado de trabalho.

Sendo assim, Milanês (2020) reforça que, “é através do uso da produção doméstica e do trabalho feminino dentro do lar que o sistema econômico e patriarcal garante a reprodução adequada dos indivíduos e da sua força de trabalho para seu funcionamento” (MILANÊS, 2020, p. 20).

Mesmo nesse cenário desigual, de desvalorização do trabalho das mulheres que as impulsionou a interromperem os estudos em prol da conciliação do trabalho doméstico e o

trabalho de costureira, a educação é defendida por elas, como algo essencial ao ser, que sem ela, não é possível construir bases sólidas de conhecimento e estar de fato no mundo.

Acho que educação é a base de tudo. E, no meu tempo, a quarenta e poucos anos atrás, as pessoas só iam pra escola tarde, com seis, sete anos. Quando eu cheguei na escola, já era tarde, cheguei na escola com sete anos, na primeira série, levei um tempão, só aprendi a ler com 13 anos. Antes disso, eu não aprendia nada. Até que um dia, uma professora, o nome dela era Gilvânia, ela perguntou: você sabe ler? Aí eu disse: eu não sei. Aí ela disse, eu vou lhe ensinar. Isso eu tinha 13 anos. Ai depois disso, eu vi que a educação era a base de tudo, porque sem a educação a gente não constrói nada, constrói outra geração igual eu, sem expectativa, e que só trabalha, trabalha e trabalha, que se quer para pra pensar no futuro. Sem educação a gente não chega em nenhum lugar, ou nem se quer se atreve a pensar num futuro melhor. (CORALINA, costureira, 42 anos).

É importante pra aprender a tá no mundo. Respeitar as pessoas. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

“Sem a educação, constrói outra geração igual eu, sem expectativa, e que só trabalha, trabalha e trabalha, que se quer para pra pensar no futuro”, Coralina conseguiu em poucas palavras descrever o que se evidencia com essa pesquisa, as mulheres sem acesso à educação, tiveram suas vidas interrompidas na adolescência pela obrigatoriedade do trabalho, fosse ele produtivo ou reprodutivo, e até os dias atuais, essa violação de direitos ocorre, quando estas mesmo resguardando suas vontades de regressar a escola, continuam sendo impedidas pelos mesmos fatores sociais de sempre.

Assim, é possível afirmar, que mesmo a educação sendo um direito garantido e assegurado constitucionalmente a todos, para as mulheres esse acesso e permanência na escola ainda é uma realidade distante, e continuará sendo, enquanto esses dados não forem tratados como assuntos urgentes. Se não for retirada a obrigatoriedade da mulher em prover o cuidado com a casa e a família, de uma forma realmente efetiva, seja pela regulamentação do trabalho reprodutivo, seja por políticas de inclusão destas em sistemas de cotas, que busquem considerar o acesso desigual das mulheres ao sistema educacional na atualidade, o movimento feminista ainda terá muito pelo que lutar.

4.3 COSTURAR EM LINHA RETA: MULHERES

Costurando em linha reta as mulheres costureiras de Toritama vão alinhando sua dupla jornada de trabalho, dia após dia, do trabalho da casa para a máquina, do trabalho com a máquina para a casa. Os dados desta pesquisa nos possibilitam descrever e apontar que, o lugar das mulheres nas facções de roupas jeans, está inteiramente entrelaçado entre o trabalho pago

e o não pago, não existe a costureira sem a dona de casa, nem a dona de casa sem a costureira, nesses espaços de produção o trabalho reprodutivo e o trabalho produtivo se combinam em uma única jornada de trabalho, realizada ao mesmo tempo.

Sendo assim, concordamos com Milanês (2020), quando ela afirma não existir uma duplicidade, “porque não há uma separação entre trabalho remunerado fora do lar e o trabalho doméstico, ao contrário, elas realizam todas as funções e papéis (de mãe, esposa, costureira) em um só lugar, e quase ao mesmo tempo” (MILANÊS, 2020, p. 23). É nesta perspectiva que adotamos, também, esta ideia da existência do “trabalho unificado” das mulheres, que é exercido no contexto familiar e do lar, por mulheres que desenvolve concomitantemente o trabalho reprodutivo e o trabalho produtivo.

As mulheres desta pesquisa, nasceram entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, todas naturais da região, e residentes em Toritama. As diferenças de tempo não foram suficientes para possibilitar a estas, contextos sociais distintos. Como vimos na Tabela 02, a maior parte ingressou no mercado de trabalho ainda na infância e adolescência, Lispector, a mais jovem, relata que “mal alcançava o pé da máquina”.

Com a permanência dessas mulheres no ofício da costura, fica notório que o trabalho desenvolvido não possibilita as mulheres subsídios para uma melhor qualidade de vida. Queiroz, que costura desde os 12 anos, já exerce a profissão há 29 anos, neste percurso de tempo, a única coisa que mudou foi o fato dela deixar de costurar para outras facções para montar a sua própria facção em casa. Destarte, o trabalho continua o mesmo, não há perspectivas de ascensão na carreira, só uma singela nomenclatura, onde a mesma agora pode dizer-se “Dona de Facção”. Sobre isto, Lindôso (2011), aponta que,

Apesar da grandeza dos números da dinâmica econômica do seguimento da indústria têxtil brasileira, a realidade nos apresenta um quadro preocupante de degradação de direitos sociais. As indicações sugerem que a feminização da produção industrial tem se dado, para o capital, como estratégia para a extração de mais trabalho, via modalidade de trabalho precárias e desprotegidas. A externalização da produção representa a busca por extração de valor ainda mais intensa, permitindo, inclusive, a extração de mais valia absoluta. (LINDÔSO, 2011, p.65).

Assim, evidencia-se a perversidade do trabalho das mulheres, ocupando espaços produtivos desvalorizados e sem plano de carreira.

Sobre os motivos que as levaram a profissão de costureira, os relatos são de falta de oportunidades, e a facilidade para aprender a costurar, uma vez que, é um trabalho que não exige nenhuma qualificação profissional, apenas tempo e disposição.

Eu acho que é porque aqui tudo gira em torno do jeans. Então é uma coisa que foi passando pela família, aí você acaba aprendendo. Que é o que mais tem aqui mesmo. Dá dinheiro, dá rendimento. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Porque não tinha outra. Aqui em Toritama a gente não tinha nada há tempos atrás. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Porque eu casei nova, aí parei os estudos, e tive de trabalhar pra se sustentar. Sustentar a família e os filhos. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Porque não tem outra. Pior a gente trabalhava, na cozinha dos outros. Depois que aprendi a costurar, até hoje costuro. (Queiroz, costureira, 41 anos).

Porque era a única que tinha. Não sabia outra, não tinha estudo. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Esse tempo e disposição exigidos como prerrequisitos para se trabalhar como costureira na cidade de Toritama, que traz como atração e estímulo o lema: quanto mais se trabalha mais se ganha” esconde no trabalho por produção a precarização da vida dessas profissionais da costura. Dessa forma, Milânes (2020), enxerga que,

Essa alta produção, ou a quantia ganha por peça, aliada aos ritmos intensos de trabalho, se, de um lado, propiciam um rendimento razoável, do outro, carregam seu ônus, porque a intensificação e a precarização do trabalho, além de serem características comuns na região, se revelam através das jornadas que chegam a durar cerca de 14 horas por dia, da utilização do trabalho infantil, do adoecimento dos trabalhadores pela inalação de pelos das linhas e tecidos, dos problemas na coluna, nas pernas e na visão que muitos deles se queixam, dentre outros. Assim como na situação estudada por Lopes (2011), esses elementos expressam a noção de precarização, que aparece sob as roupagens da própria produção e que contribui para naturalizar as condições de trabalho aos olhos dos agentes que estão nesse processo (MILÂNES, 2020, p. 19).

Os trechos das entrevistas abaixo, expõem à vontade e necessidade das mulheres costureiras em permanecerem em casa. O cuidado com a casa, com a família é prioridade, tão igual, a trabalhar e garantir renda. Ter uma facção em casa, permite a estas mulheres, então, unificar seus trabalhos.

Eu aprendi a costurar, aí fui trabalhar, só que os meninos eram pequenos, quando eu aprendi, acho que eles estavam entre 07 e 05 anos. No começo eu pagava uma pessoa, só que o que acontecia, elas acabavam fazendo um monte de coisa errada com eles, desligava a tv pra eles não assistir, esses tipos de situação. Aí tinha de escolher, ou tomava conta deles ou trabalhava. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Porque é mais fácil pra criar os filhos. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Porque não tinha com quem deixar as meninas, aí tinha de trabalhar em casa, aí achei melhor. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Poder gerenciar a casa e a facção se mostra uma escolha pertinente para as mulheres, apesar das controversas, que é perder espaço e até a privacidade do lar. Quando questionadas

sobre de quem partiu a decisão de montar uma facção em casa, percebemos que foi uma escolha realizada por elas ou com a participação delas.

Sim. Minha e do meu marido. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Foi. Obrigação por conta dos filhos. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Sim. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Sim. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

A entrada e permanência dessas mulheres no modelo unificado de trabalho, deixa claro que o compromisso de gerenciar o trabalho doméstico e a família é sempre das mulheres, mesmo num sistema de conciliação, como ocorre com Coralina, quando ela fala da participação de seu marido na decisão de montar uma facção em casa. Sair de casa ou regressar a mesma, é uma decisão para as mulheres que sempre é atravessada pelo seu papel social de mulher instaurado pela cultura patriarcal. Antes das realizações pessoais, das suas necessidades de renda, de suas vontades próprias, a condição dessas mulheres de esposas, mães e donas de casa, influenciaram toda a tomada de decisão.

Sendo assim, é que Santos (2008) vai dizer que, por mais que se tenha avançado na igualdade de direitos entre homens e mulheres, o trabalho que ambos desenvolvem ainda está atrelado aos papéis sociais históricos que estes foram inseridos. Ainda para a autora, fazendo referência a Lipovetsky,

[...] a condição de trabalho da mulher está, frequentemente, interligada à família, seu lugar de direito. Logo, o trabalho doméstico continua sendo seara do feminino. O cuidado com a saúde e a educação dos(as) filhos(as) permanece sendo da mulher, que via de regra, é quem se ausenta ou se afasta do trabalho quando a família exige, por algum motivo. (LIPOVETSKY, apud SANTOS, 2008, p. 44-45).

Na verdade, essa necessidade de estar em casa nos leva a observar como as mulheres costureiras se percebem dentro dessa relação do trabalho unificado, qual o lugar que elas ocupam. Trabalhar em casa significa trabalhar mais, porque essas mulheres não foram isentas do trabalho doméstico, pelo contrário, a atividade doméstica é entendida como uma obrigação, na qual elas precisam dar conta. Trabalhar em casa é então, a possibilidade de estas conseguirem não negligenciar o trabalho com a casa e a família. Sobre as atividades domésticas que realizam, elencam:

Só arrumo a casa mesmo. Lavar roupa, cozinhar, cozinho muito pouco, porque não tenho tempo. Geralmente sempre compro marmita. De manhã, como aquele velho pão, a noite como qualquer besteira, digamos assim. Mas por

causa do tempo mesmo, facção é muito corrido, não tenho tempo não. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Tomar conta da casa. E eu vendo perfume, aí eu trabalho também assim. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Só o trabalho de casa mesmo, principalmente a parte de cozinhar. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Lavar roupa, arrumar a casa, cozinhar. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Com exceção, de Lispector, que relata a “ajuda do marido”, nos dias que ela tem muito trabalho com a facção, todas as demais costureiras lidam e coordenam sozinhas o trabalho da casa, e mesmo as que recebem algum tipo de suporte, é de outra mulher que vem a força de trabalho.

Só eu. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Não. Só eu. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Minha mãe me ajuda todas as tardes, já faz uns 2 meses mais ou menos, faz algum dos serviços da casa e me ajuda com os meninos. Antes disso, eu contratava uma pessoa pra me ajudar, porque eu não conseguia só. Essa pessoa fazia de tudo na casa, eram sempre mulheres. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Minha filha me ajuda, ela que trabalha lá dentro da casa, porque eu vivo aqui nas maquinas. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Meu marido. Se eu tiver com muito trabalho ele ajuda, arrumando a casa, as vezes até lava roupa, só não estende porque tem vergonha. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Dessa forma, o trabalho doméstico apresentasse como uma atividade restrita as mulheres, que se sobrecarregam e se dividem entre casa e facção em uma dura rotina de trabalho, que chega a ultrapassar mais de 12 horas diárias.

Bota aí: mais de 12 horas por dia. Eu acordo de da manhã, meio dia não paro pra almoçar, tiro direto no serviço, quando venho parar é de 11 horas da noite. O trabalho doméstico eu faço depois desse horário, das 11h da noite. [...] Aí, final de semana faço a faxina, no domingo, porque no sábado também não dá tempo não. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Se deixar, vai de sete da manhã a dez horas da noite. Quando a gente faz serão eu fico aqui até 09 horas da noite, aí enquanto eles tão trabalhando, aí eu vou e faço a janta, e depois que a gente janta, aí eu vou e desço pra cá novamente. Assim, eu vou até nove ou dez horas da noite. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Começo de sete e meia, só tem hora de parar uma ou duas horas da manhã. Hora de comer é engolir e voltar rápido pra máquina. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

A rotina de trabalho é exaustiva como podemos observar, não há tempo para autocuidado e lazer dessas mulheres, quando os mesmos acontecem, é como se essas horas livres que lhes tiram um pouco da rotina, fossem horas furtadas do trabalho unificado. Acostumadas, essas mulheres não conseguem se imaginar sem o trabalho, quando questionada sobre como se imaginavam daqui a 20 anos, Queiroz disse o seguinte: “Com uma bengala de lado. Acabada e cansada. E eu quero mesmo é tá aqui trabalhando ainda”. Não há um botão de desligue, fica impossível, quando semana a semana o trabalho unificado vai lhes exprimindo a vida, como podemos notar nas falas que se segue.

Não. Agora mesmo eu estava fazendo faxina, como não deu pra fechar a mercadoria e não tinha como a gente entregar hoje, aí eu coloquei as meninas pra casa de meio dia, aí eu fui fazer a faxina. Fim de semana é da faxina e de lavar roupa. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Não. Procuro esse tempo e não acho. A gente só folga o domingo, e aí é muito corrido, quando levanto já é de tarde. É o único dia que a gente pode descansar. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

De vez enquanto. Pra um passeio com as meninas, ou pra algum barzinho com meu marido. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Na contramão encontramos Meireles e Gonzaga, duas jovens que procuram estar priorizando um tempo para si e com a família, de lazer. São relatos de resistência sobre a demanda desenfreada da Capital do jeans.

Só sábado à noite ou domingo, toda semana. O trabalho é muito cansativo, aqui em Toritama as pessoas vivem pro trabalho. A gente esquece muito da nossa vida pessoal, tipo: se divertir mais, sair mais, aproveitar mais a vida. Porque aqui a gente é muito focado no trabalho, aí acontece muito isso, não é só comigo, é com metade da população de Toritama que acontece isso. Ainda tem gente que trabalha de domingo a domingo. Mas é fundamental ter um tempo pra você, então, eu sempre tento ao máximo, sábado e domingo, depois que terminou, sair. Eu queria ter mais tempo, mas infelizmente, no momento não dá. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Sábado e domingo eu tiro pro meu lazer. Fecho a casa e venho pro meu sitio, com minha família. Também frequento o salão de beleza. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Se faz pertinente ressaltar, mais uma vez, que são as mulheres que gerenciam as facções, que lidam com os clientes, que administram esses espaços, e para auxiliar, todas fazem uso da tecnologia, mais precisamente, do aparelho celular com aplicativos de mensagem, e da utilização de veículos.

Sim. Pelo Whatsapp eu resolvo tudo. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Sim. O Whatsapp agiliza tudo. Quando não tá pegando, é um Deus nos acuda, aqui na facção. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Sim. O Whatsap me ajuda muito. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Sim. É meus pés e minhas mãos. Tudo eu resolvo pelo Zap. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Sim. O Zapzap é ligado 24 horas. Ajuda muito. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Para pessoas com pouca escolaridade, tais ferramentas tecnológicas auxiliam bastante na interação e no diálogo entre as partes, dona de facção e seus patrões. Quando a questão foi a utilização de veículos automotivos, na tabela 04 que se segue, fica notório a utilização desses meios de transportes pelas mulheres. Esses acessos a atividades diferenciadas, tecnológicas, caracterizam uma evolução, lenta, mas que qualifica as mulheres de alguma forma na função que exercem de costureira.

Tabela 04

Nome	Quem orienta os trabalhos e faz o administrativo na facção	Utiliza aparelho celular para atividades do trabalho?	Utiliza Veículos automotivos (Carros e motos) para atividades do trabalho?
Meireles	Eu	Sim	Sim
Coralina	Eu	Sim	Sim
Gonzaga	Eu	Sim	Sim
Queiroz	Eu	Sim	Não
Lispector	Eu	Sim	Sim

Fonte: A autora (2021).

Além de Queiroz que não sabe dirigir ou pilotar, todas as demais costureiras conseguem ter acesso a esses veículos que lhes ajudam no desenvolvimento do trabalho.

Sim! minha moto, e sou eu que piloto. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Sim! Quando precisa ir pro armarinho, pra comprar linha, aviamentos, utilizamos nosso carro. Meu esposo ou meu filho que dirige, eu não sei dirigir. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Sim! Temos uma moto e um carro. Eu e meu marido dirigimos. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Não! Vou a pé. Não tenho veículo nem sei dirigir. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Sim! A gente arruma moto emprestado. Meu marido e eu sabemos pilotar. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Observa-se então, que mesmo com as adversidades da rotina, as mulheres vêm ocupando alguns espaços, até pouco tempo, inacessíveis. Mas ainda não é suficiente, de acordo as mulheres costureiras, o papel que elas exercem atualmente é, além de tudo, cansativo, difícil, se denominam guerreiras e especiais por conseguirem dar conta de tantas atividades ao mesmo tempo (trabalhadora, esposa, mãe, dona de casa).

Cansativo. Muito cansativo. Mas dá pra ir se virando. (MEIRELES, costureira, 26 anos).

Bem Cansativo. É bom, assim, é desafiador, fazer tudo ao mesmo tempo, ser tudo. É, tem hora que é bem difícil, bem pesado, mas é o jeito. (CORALINA, costureira, 42 anos).

Ser guerreira, né? Muita coisa. Trabalha muito, mas a gente consegue. (GONZAGA, costureira, 32 anos).

Guerreira. Sempre fui guerreira, quando me separei do pai dos meus filhos, eles eram pequenos, eu que assumi tudo. (QUEIROZ, costureira, 41 anos).

Uma pessoa especial, que faz tudo isso. Mas tem dia que dá vontade de desistir e sair sem destino. (LISPECTOR, costureira, 26 anos).

Essas guerreiras são as responsáveis por levar o sistema de facções da cidade de Toritama sob suas responsabilidades, além de assumir o trabalho doméstico, tão importante quanto, sem receber nenhum pagamento por este. São mulheres violadas pelo sistema capitalista, que opera sobre elas um modelo de sociedade exploratório, que almejam expandir para todos, levando mulheres e homens ao fracasso societário, onde o lucro está acima da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a pergunta inicial desta pesquisa, que procurou responder: o que levou as mulheres costureiras de Toritama a desistirem da escola, e qual o lugar das mulheres nas relações do trabalho feminino nas facções de jeans em Toritama? A partir do diálogo entre a pesquisa teórica e empírica, e do diálogo estabelecido com as costureiras de jeans de Toritama, sujeitas de nossa pesquisa, foi possível analisar as experiências destas, enquanto mulheres toritamenses, de família de costureiras(os), alunas evadidas da escola, donas de casa e de facção de jeans. Destacando-se principalmente a presença do trabalho unificado nas casas, como ferramenta de controle social sobre essas mulheres costureiras.

Nesse sentido, esta pesquisa chegou à conclusão e compreensão de que o trabalho com a confecção de roupas jeans mais o trabalho não remunerado da casa, ou seja, o trabalho unificado, são o fator impulsionador para a não permanência das mulheres costureiras de Toritama na escola, além de revelar que o lugar dessas (apesar dos significativos avanços) é a casa.

Conforme foi demonstrado, a cidade de Toritama lida em seu pequeno território com a influência que o setor de confecções de jeans vem realizando. A cidade é uma grande organização de trabalho, onde trabalho e educação se entrelaçam o tempo inteiro na vida de seus munícipes, principalmente das mulheres.

Consta-se que as famílias já não são mais influenciadas pela agricultura ou pela confecção de calçados de couro, prevalece na cidade o aprendizado da costura, iniciado ainda na infância por grande parcela da população. São famílias de costureiras e costureiros, realizando no meio do salão das facções de jeans, a passagem dos ensinamentos e cultura.

A migração da cidade para o sistema de produção de jeans, foi identificado por esta pesquisa como perpetuador dos contextos de vulnerabilidade sociais vivenciados pelas famílias toritamenses, uma vez que, este apoia-se na contratação de mão de obra barata, na informalidade dos empregos, terceirização e flexibilização, além da exploração do trabalho de crianças e adolescentes e mulheres.

Concomitante, ficou-se evidenciado que estas influências do setor têxtil e o sistema de facções de jeans, são responsáveis pela evasão escolar dessa classe trabalhadora, por exigirem dedicação e horários de trabalho excessivos, com duração de até mais de doze horas por dia. Uma vez que o público feminino é quem compõe a maioria desses postos de trabalho, desqualificados, pode-se afirmar que, há uma relação desigual de gênero. O capitalismo que rodeia a cidade anda de mãos dadas com o patriarcalismo, oprimindo as mulheres desde a

infância, lhes resguardando a uma vida de privações, regrada ao lar, lhes empurrando a ocuparem postos de trabalhos precários e mal remunerados, em prol do lucro.

Dessa forma, nota-se que as decisões das mulheres costureiras, a opção pela facção em casa, passa pela sua condição de mulher e seu papel social histórico de cuidadora da casa e da família. Burlar essa lógica é tarefa quase que impossível, pois, essas mulheres são advindas de contextos precários familiares, adentram muito cedo no segmento da costura de jeans e são levadas pelas circunstâncias do modelo de trabalho a evadirem da escola, seja por exigência dos patrões (Empresários), seja para poderem aumentar a renda, uma vez que o rendimento monetário depende da produção.

Encontramos então, um cenário de frustração dessas mulheres, que lamentam o fato de não poderem ter conseguido prosseguir com seus estudos, e assim, alcançarem melhores condições e qualidade de vida, pois, como costureiras estão a somar para sim, apenas um cenário de vulnerabilidade social, desqualificação e problemas de saúde.

Mesmo distantes da escola, as costureiras continuam a acreditar no poder transformador da educação, mesmo não encontrando formas e tempo de regressarem, estas sonham em um futuro melhor para seus filhos, assim, os incentivam a prosseguir com seus estudos, refletindo neles seus sonhos interrompidos de conseguirem evoluírem no processo escolar.

Sendo assim, afirmamos que há um cenário de negação e retirada de direitos das mulheres costureiras de Toritama. Fora da escola por processos de exclusão, assumem os cuidados domésticos, resultante de um casamento precoce, alinhado com o trabalho de costureira, por essa ser uma atividade que lhe permite não negligenciar nenhum dos dois trabalhos. O trabalho reprodutivo não pago e o trabalho produtivo remunerado, unem forças com o intuito de controle das mulheres, que diante de um contexto exaustivo de trabalho, permanecem em situação apolítica de sua condição de exploradas.

A neste contexto uma clara influência das relações de gênero, pois, nenhuma dessas mulheres sonhou um dia em ser costureira e dona de casa, assumindo um trabalho definido por elas mesmas como “cansativo”. O intuito desta pesquisa não é o de desmerecimento do ofício de costureira, principalmente, porque o mesmo garante as mulheres algum tipo de autonomia financeira e participação social, mas denunciar a precariedade desse trabalho, majoritariamente de mulheres, que não as permite ascender socialmente, por não exigir nenhuma qualificação profissional, apenas tempo e dedicação, por isso a importância de se questionar as bases sociais e o lugar que este modelo econômico reserva as mulheres.

Essas “guerreiras” como elas mesmas se identificam, são as responsáveis por carregarem o sistema de fábricas de confecções de jeans da cidade de Toritama, além de assumir o trabalho doméstico, tão importante quanto, sem receber nenhum pagamento por este. São mulheres violadas pelo sistema capitalista, que opera sobre elas, um modelo de sociedade exploratório, que as adoecem, lhes retiram sua individualidade, lhes privam do coletivo e lhes furtam tempo de vida.

Concluimos então, que sem uma intervenção estatal que possa regulamentar a produção informal que sustenta todo o setor de produção da região agreste de Pernambuco, a precariedade do trabalho das costureiras(as) seguirá em um cenário de invisibilidade. Dito mais, se não se pensar em estratégias para retirada da obrigatoriedade da mulher em prover o cuidado com a casa e a família, de uma forma realmente efetiva, seja pela regulamentação do trabalho reprodutivo, seja por políticas de inclusão destas em sistemas de cotas, que busquem considerar o acesso desigual das mulheres ao sistema educacional que persiste ainda na atualidade, possibilitando uma maior participação social destas, o movimento feminista ainda terá muito pelo que lutar.

Ao sistema de ensino, principalmente o regional, fica o dever de pensar em estratégias para acalçar essas mulheres, buscando reaproximá-las do contexto escolar, construindo e possibilitando a estas identificar a escola como um espaço de luta e resistência, e como lugar de direito, só assim, o papel social, dever da educação, estará de fato sendo cumprido.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: A Experiência Vivida**. 5. Ed. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira. 2019. 185-278.
- BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. **História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade**. Acta Scientiarum. Maringá. Vol. 34. 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CALASANS, Vevé; SANTANA, Gerônimo. **Agradecer e Abraçar**. São Paulo: Selo Nova República, 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jkUd2WXMgd0>. Acesso em: 24 de janeiro de 2022.
- DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FRANCO, Maria Laura P.B. **Análise de Conteúdo**. 3ª ed. Brasília: Liber livro editora, 2008.
- FRITSCH, Rosangela; RICARDO, Ferreira Vitelli. **Evasão escolar, a escola e o mercado de trabalho: o que dizem jovens do ensino médio de escolas públicas**. ANPED. 2016.
- G1 CARUARU. **Parque das Feiras de Toritama celebra 20 anos com corte de bolo**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2021/09/25/parque-das-feiras-de-toritama-celebra-20-anos-com-corte-de-bolo.ghtml>. Acesso em: 01 de outubro de 2021.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: 2002.
- HIRATA, Hellena. **Emprego, responsabilidades familiares e obstáculos sócio-culturais à igualdade de gênero na economia**. In: **Brasil. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres**. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. P. 45-49.
- HIRATA, Hellena; KERGOAT, Daniele. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, vol. 37. 2007.
- HIRATA, Hellena. **Globalização e divisão sexual do trabalho**. Cadernos pagu. 2001/02.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/toritama.html>. Acesso em: 02 de outubro de 2021.
- LAGE, Allene Carvalho. **Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico: Um estudo comparado entre as experiências do movimento dos Sem Terra/ Brasil e da Associação In Loco/ Portugal**. Volume I – Dissertação de Doutorado. Coimbra: Universidade Federal de Coimbra. Faculdade de Economia, 2005.
- LINDÔSO, Raquel Oliveira. **A Inserção da força de trabalho feminina no mercado de trabalho nordestino: uma análise sobre o município de Toritama-PE**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Universidade Federal de Pernambuco. 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014. 18-40.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa** 3. Ed. Rev. Ampl. São Paulo: Atlas, 1996.

MELO, Adolfo Gonçalves. **Hino de Toritama**. Disponível em: <https://toritama.pe.gov.br/hino-de-toritama/>. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4ª edição. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2000.

MILANÊS, Renata. **O trabalho das mulheres costureiras na zona rural do agreste pernambucano**. Revista IDEAS, Rio de Janeiro, vol.14. 2020.

NEGREIROS, Erica Paula Elias Vidal de. **Viver em Toritama é Trabalhar**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Universidade Federal de Pernambuco. 2010.

NOGUEIRA, Andrezza Rodrigues. **Organização dos sistemas de produção familiar urbana a partir das relações de gênero: em busca de legitimação e equidade**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas. Universidade Federal da Paraíba. 2013.

MOTA, Antonio Rosembergue Pinheiro e; NOVO, Benigno Núñez. **O direito à educação na Constituição de 1988**. Boletim Jurídico, Uberaba/MG, a. 31, nº 1640. Disponível em: <https://www.boletimjuridico.com.br/artigos/direito-constitucional/4480/o-direito-educacao-constituicao-1988>. Acesso em: 03 de novembro de 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação e Gênero no Brasil**. Proj. História. São Paulo. 1994.

SANTOS, Luciana da Silva. **Profissão: do lar. A desvalorização do trabalho doméstico como desdobramento da (IN)visibilidade do feminino**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília. 2008.

GAMA, Zacarias Jaegger; SILVA, Marinete Santos. **Permanência e evasão escolar são também questões de gênero? (um ensaio à luz da teoria de gênero)**. Revista Científica Inter Science Place. 2008.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Os Conflitos Urbanos no Recife: O caso do “Sky Lab”**. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p. 9 – 59. Coimbra: CES, 1983.

TORITAMA, Câmara de Vereadores de. 2014. Disponível em: <http://toritama.pe.leg.br/historia.php>. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

TORITAMA, Prefeitura de. 2016. Disponível em: <https://toritama.pe.gov.br/feira-do-jeans/>. Acesso em: 28 de setembro de 2021.

VALA, Jorge. A análise do conteúdo. In: SILVA, A.S. & PINTO, J. M. (org) **Metodologia das Ciências Sociais**. 11. Ed. Porto: Afrontamento, 2001. P. 101-128.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Data: ____/____/____

Local da Entrevista: _____

1. Dados Pessoais

Nome:		
Idade:	Estado Civil:	Nº de filhos:
Naturalidade:	Tempo que reside em Toritama:	Profissão:
Grau de Escolaridade:		

2. Roteiro de Entrevista

Contexto de Trabalho

- Com quantos anos você aprendeu a costurar?
- Quem lhe ensinou a costurar?
- Sua família sempre foi de costureiros(as)?
- Há quanto tempo você desenvolve esse tipo de trabalho?
- Porque escolheu essa profissão?
- O que te levou a montar uma facção em casa?
- Quem trabalha com você na facção?
- Quem coordena/orienta o trabalho desenvolvido e quem lida com os clientes da facção?
- Você faz uso do aparelho celular como ferramenta de trabalho? Utiliza algum meio de veículo?
- Trabalhar em casa foi uma escolha sua?
- Quem mora com você na casa?
- Além do trabalho com a facção, quais outros tipos de trabalho doméstico você desenvolve?

- Mais alguém desenvolve atividades domésticas na casa?
- Como se dá sua rotina de trabalho no dia a dia?
- Você consegue tempo para momentos de autocuidado e lazer?
- Para você, o que significa ser mulher e assumir tantas responsabilidades (trabalhadora, esposa, mãe, dona de casa)?
- Como você se imagina daqui a 20 anos?

Trajetória Escolar

- Qual a importância da educação para você?
- Você pensava em alguma profissão para seguir, diferente da que você trabalha hoje?
- Como foi o processo de educação dos seus familiares mais próximos?
- Com quantos anos você se evadiu da escola? Essa decisão foi sua?
- Qual ou quais motivos lhe levaram a optar por não frequentar mais a escola?
- Você tentou conciliar trabalho e escola? Quais dificuldades encontrou?
- Ter parado de estudar teve um significado positivo ou negativo para a sua vida?
- você já pensou ou pensa em retornar aos estudos?
- O que você acha que podia ter ajudado naquela época a não desistir da escola?

APENDICE B - IMAGENS DAS FACÇÕES DE CONFECÇÃO DE JEANS

